

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

André Saldiba Passarelli de Lima

A crise nas relações humanas à luz do pensamento de José Ortega y Gasset

Mestrado em Filosofia

São Paulo

2021

ANDRÉ SALDIBA PASSARELLI DE LIMA

A crise nas relações humanas à luz do pensamento de José Ortega y Gasset

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Filosofia, sob a orientação da Profa. Dra. Dulce Critelli.

São Paulo

2021

BANCA EXAMINADORA

.....

.....

.....

À minha esposa, Adriana, e às minhas filhas e filho, Luiza, Isabela e David, pelo incentivo, pela compreensão, pela paciência e pelo apoio durante todo este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que nos convida a viver em relacionamentos e que nos inclui na relação.

Aos meus filhos, Luiza, David e Isabela, pela paciência e pela compreensão durante os estudos.

À minha esposa, Adriana, pela paciência, pelo incentivo e pela parceria em todos os momentos difíceis e pelo apoio à minha decisão de iniciar esta difícil peregrinação.

À Igreja Batista de Água Branca, pela confiança, pelo incentivo e pela compreensão durante todo o mestrado.

Ao amigo e líder, Ed René Kivitz, pelo incentivo, pelo estímulo e pela inspiração.

À professora Dulce, pela orientação, pela paciência e pelo apoio ao meu trabalho.

A todas e a todos os professores da PUC SP, cujas provocações, partilhas e aulas foram fundamentais para a conclusão desta etapa tão importante.

A todos os colegas da PUC SP que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta peregrinação.

RESUMO

Este estudo filosófico aborda a crise nas relações humanas, a partir do legado do filósofo espanhol José Ortega y Gasset como possibilidade de caminho para a compreensão das atuais relações. Em primeiro lugar, o estudo busca analisar e apresentar a vida e a obra de José Ortega y Gasset. O objetivo foi destacar aspectos importantes da família, da formação e dos caminhos percorridos pelo filósofo. A segunda parte do trabalho se destinou a apresentar uma relação entre José Ortega y Gasset com o nosso tempo e as nossas relações, aprofundando algumas temáticas do filósofo. Em cada ponto foi possível uma ampliação da leitura de José Ortega y Gasset. Por último, foram feitas algumas considerações a respeito do caminho percorrido.

PALAVRAS-CHAVE

José Ortega y Gasset, filosofia, relações, homem contemporâneo, sociedade.

ABSTRACT

This philosophical study approaches the crisis in human relations based on the legacy of the Spanish philosopher José Ortega y Gasset as a possibility of a way to understand the current relationships. Firstly, the study seeks to analyze and present the José Ortega y Gasset's life and work. The objective was to highlight important aspects of the family, the formation and the paths taken by the philosopher. The second part of the work was aimed at presenting a relationship between José Ortega y Gasset with our time and our relations, deepening some of the philosopher's themes with current issues, especially with contemporary relations. At each point, it was possible to expand José Ortega y Gasset's reading. Finally, some considerations were made regarding the path taken.

KEYWORDS

José Ortega y Gasset, philosophy, relations, contemporary man, society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A VIDA E A OBRA DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET	13
1.1. ORTEGA Y GASSET E A ESPANHA DO SEU TEMPO	20
1.2 ORTEGA Y GASSET E O SEU PERÍODO NA ALEMANHA	22
1.3 ORTEGA Y GASSET E A SUA VIDA EM BUENOS AIRES	25
1.4 ORTEGA Y GASSET E O SEU PERÍODO EM PORTUGAL	25
1.5 ORTEGA Y GASSET E A “GERAÇÃO DE 98”	28
2. AS RELAÇÕES ENTRE JOSÉ ORTEGA Y GASSET E O NOSSO TEMPO.....	33
2.1 SER HOMEM	37
2.2 O OUTRO	43
2.3 HOMEM-MASSA	49
2.4 MENINOS MIMADOS E ESPECIALISTAS.....	56
2.5 NACIONALISMO	58
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Vinícius de Moraes diz que "a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida¹". É fato, entretanto, que o homem não existe em uma vida dentro de si e isolada. O homem vive fora de si e sempre em relações.

José Ortega y Gasset, filósofo espanhol, diz que "eu, em minha solidão, não poderia me chamar com um nome genérico tal como 'homem'. A realidade que esse nome representa só aparece para mim, quando há outro ser que me responde. Não se pode viver se não for com outra pessoa²". Além disso, o autor afirma, ainda, que "viver significa ter de ser fora de mim, no absoluto fora que é a circunstância ou o mundo: é ter, querendo ou não, de enfrentar e me chocar constante e incessantemente com tudo quanto integra esse mundo: minerais, plantas, animais, os outros homens³". Portanto, tornar-se homem implica uma relação de um para o outro, uma existência recíproca.

Em minha atuação profissional, como ministro religioso, pastor evangélico, é possível perceber as dificuldades e as problemáticas que atravessam hoje as relações humanas. É possível perceber como o individualismo, com uma forte colaboração do radicalismo, tem feito as muitas pessoas escolherem uma vida isolada e sem relacionamentos.

Para Ortega y Gasset todos os homens e todas as mulheres não escolhem estar no mundo. Assim, ao se encontrarem no mundo, todos e todas devem estabelecer uma maneira para viver que ajude a lidar com as variadas circunstâncias, em relações com os outros.

Quando pessoas buscam executar o seu projeto de vida, criam a sua própria vida. Porém, também encontram com outras em seu próprio caminho, independente da vontade que eles existam ou não. Embora na história da humanidade seja possível encontrar homens e mulheres que buscaram desenvolver projetos individuais e solitários,

¹ SAMBA da Benção. Compositores: Vinícius de Moraes e Baden Powell. **In: Um Encontro no Au bon Gourmet**. Rio de Janeiro, 1962.

² ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e os outros**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017, p. 130.

³ Ibid, 2017, p. 69-70.

para Ortega y Gasset o homem é um reciprocante. Para o filósofo, “o homem não aparece na solidão, embora sua verdade última seja a solidão: o homem aparece na sociabilidade com o Outro, alternando com o Um, como reciprocante⁴”.

Pessoas vivem em relação umas com as outras. Ninguém aparece na solidão. Todos, absolutamente todos, desenvolvem relações sociais, vivem em sociabilidade com o outro. Mesmo ao encontrar outros e outras com opiniões diferentes e com outras formas de vidas, de culturas, de ideias, de pensamentos e de escolhas. Como disse Stuart Mill

a unidade de opinião, a menos que resultante da mais completa e mais livre comparação de opiniões opostas, não é desejável, e a diversidade não é um mal, mas um bem, até que a humanidade seja muito mais capaz do que atualmente de reconhecer todos os lados da verdade⁵. (MILL, 2006, p. 84)

As relações entre homens e mulheres com outros significa uma humanidade com maior riqueza de formas de vida. Além disso, também significa uma melhor forma de lidar com os preconceitos e com as intolerâncias que atualmente estão tão explícitas na sociedade.

A ausência dessas relações também tem ligação com a pessoa, denominado por Ortega y Gasset de “homem-massa”, que tem seu conceito ligado a um sentimento ilusório de independência, de autonomia e de perfeição. Homem e mulher que se encerram em si mesmos, acreditando não ser necessário nenhuma conexão e até mesmo nenhum esforço de aperfeiçoamento nas relações humanas. Eles são satisfeitos consigo mesmos e não reconhecem a necessidade e nem mesmo a legitimidade de nenhuma instância exterior a ele. São pessoas que não se colocam a serviço de nada fora de si e que se fecham em si mesmos.

Ortega y Gasset dedicou-se a aprofundar o estudo do comportamento humano e das relações entre as pessoas. Provavelmente, por conta do cenário da sua época, em

⁴ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro: Livro Ibero Americano, 1973, p. 148.

⁵ MILL, John Stuart. **Ensaio sobre a liberdade**. Tradução de Rita de Cássia Gondim Neiva. São Paulo: Escala, 2006, p. 84.

meados do século 20, a Espanha e da Europa, de forma geral, vivia tempos de fanatismos em que insultos e armas eram usados no lugar dos diálogos e das relações.

A mais conhecida e destacada frase de Ortega y Gasset “eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não salvo a mim”⁶. Surgiu pela primeira vez em *Meditações do Quixote* (1967), e a emblemática afirmação percorreu, depois, grande parte de sua obra. Na sua concepção, não existe uma prioridade da realidade humana pessoal em detrimento de uma realidade do mundo ou da circunstância. O homem passa a “ser” com todas as circunstâncias e em todas as relações.

Segundo Ortega y Gasset, “ser significa ‘viver’ - portanto, intimidade consigo e com as coisas”⁷. A vida é a existência do eu, com absolutamente todas as coisas. “Existir é primordialmente coexistir - é ver algo que não sou eu, eu amar outro ser, eu sofrer as coisas”⁸.

Sendo assim, diferente do pensamento idealista que acreditou no ser independente, Ortega y Gasset apresenta uma enorme e profunda interdependência entre tudo e todos.

Descartes, com mais clareza que ninguém antes dele, formula quase cinicamente essa ideia do ser quando define a substância dizendo que é um *‘quod nihil aliud indigeat ad existendum’*. O ser que, para ser, não necessita de nenhum outro - *nihil indigeat*. O ser substancial é o ser suficiente - independente. Ao dar com o fato mais que evidente de que a realidade radical e indubitável é eu que penso e a coisa em que penso - portanto, uma dualidade e uma correlação - não se atreve a concebê-la imparcialmente, e diz: posto que encontro essas duas coisas unidas - o sujeito e o objeto -, portanto em dependência, tenho de decidir qual das duas é independente, qual não necessita da outra, qual é suficiente. Mas nós não vemos nenhum fundamento indubitável nessa suposição de que ser só pode significar ‘ser suficiente’. Ao contrário, ocorre que o único ser indubitável que encontramos é a interdependência entre o eu e as coisas; as coisas são o que são para mim, e eu sou o que sofre as coisas - portanto, que o ser indubitável é, assim, não o suficiente, mas ‘o

⁶ ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote**. São Paulo: Ibero-Americano, 1971, p. 757.

⁷ ORTEGA Y GASSET, José. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1971, p. 210.

⁸ Ibid, 1971, p. 212.

ser indigente'. Ser é necessitar um do outro⁹. (ORTEGA Y GASSET, 1971, p. 213)

Portanto, a vida humana é feita de relações. Logo, é impossível viver sozinho, viver sem relações, inclusive porque ser é estar em relações. “Não há viver se não for num orbe cheio de outras coisas, sejam objetos ou criaturas; é ver coisas e cenar, amá-las ou odiá-las, desejá-las ou temê-las. Todo viver é se ocupar com o outro que não é um mesmo, todo viver é conviver com uma circunstância”¹⁰.

A vida acontece e, por isso, sempre estamos nos relacionando. “Nossa vida não é só nossa pessoa, mas nosso mundo também faz parte dela: ela - nossa vida - consiste na em a pessoa se ocupar das coisas ou com elas e, evidentemente, o que nossa vida é depende tanto do que seja nossa pessoa como do que seja nosso mundo”¹¹.

Conforme Ortega y Gasset, não temos condições de escolher o que ou quem virá primeiro, pois “viver é, desde o princípio, em sua própria raiz, encontrar-se frente ao mundo, com o mundo, dentro do mundo, submerso em seu tráfego, em seus problemas, em sua trama fortuita”¹². Essa relação nos mostra que não é possível escolher o mundo e as relações em que se vive. Viver não é uma possibilidade escolhida, mas encontrar a vida, ao mesmo tempo que nos encontramos. Por isso, acredita Ortega y Gasset que a vida é, antes de tudo, “a perpétua surpresa de existir, sem nossa anuência prévia, naufragos, num orbe impremeditado”¹³.

O filósofo assevera, ainda, que o outro existe, independentemente da nossa vontade e só podemos dizer “outro”, na medida em que o “outro” desenvolve uma relação conosco. “Porque o outro é como eu em certas características gerais: tem um “eu” que é, nele, o que meu “eu” é em mim [...] o outro, o Homem, aparece para mim originaria-

⁹ ORTEGA Y GASSET, José. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1971, p. 213.

¹⁰ Ibid, 1971, p. 222.

¹¹ Ibid, 1971, p. 222.

¹² Ibid, 1971, p. 223.

¹³ Ibid, 1971, p. 223.

mente como o recíprocante"¹⁴. Um outro, um homem, que aparece no mundo alternando, reciprocamente, com outro.

Nesse processo, passamos a perceber e a viver a realidade do “eu” e a “dele”, o outro, que se torna “nós”. Nessa nova realidade experimentamos relações de proximidade e de intimidade que nos fazem perceber o outro enquanto único. Então o outro se torna “tu” e na relação há o “nós”.

É dentro do âmbito de convivência que a relação “nós” abre que me aparece o “tu”, o indivíduo humano único. Tu e eu, eu e tu agimos um sobre o outro em frequente interação de indivíduo para indivíduo, ambos únicos reciprocamente¹⁵. (ORTEGA Y GASSET, 2017, p.223)

Ortega y Gasset problematiza e analisa as relações entre homens e mulheres que desenvolvem um individualismo exacerbado. Alguns pontos da filosofia de Ortega y Gasset oferecem a oportunidade para aprofundar as suas obras e os seus pensamentos em torno da nossa sociedade contemporânea. Para isso, este trabalho busca encontrar possíveis correspondências entre as relações humanas e as realidades. O presente estudo está dividido em três partes:

Na primeira parte, apresento a vida e a obra de José Ortega y Gasset. Desde o seu nascimento, junto com a sua família, a sua ida à Alemanha, a sua ida a Buenos Aires, até a sua morte, aos 72 anos. O intuito é de demonstrar o seu tempo, as suas características pessoais e alguns traços de sua filosofia.

A segunda parte do trabalho apresenta questões abordadas por José Ortega y Gasset, como a do homem-massa, a dos meninos mimados e a dos especialistas. Tais conceitos podem iluminar a compreensão das nossas atuais relações humanas.

Por último, na parte final, farei algumas considerações a respeito do caminho percorrido.

¹⁴ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e os outros**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017, p. 129.

¹⁵ Ibid, 2017, p. 137.

1. A VIDA E A OBRA DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET

José Ortega y Ortega nasceu no dia 8 de maio de 1883, em Madri, Espanha. O seu pai, José Ortega Munilla, era jornalista e a sua mãe, Dolores Gasset, filha de Edoardo Gasset, proprietário e fundador do diário “El Imparcial”, o mais importante de Madri na época.

O seu pai, Ortega Munilla, “é um pai tradicional do fim do século: autoritário, o gênio pronto”¹⁶. Já a sua mãe, Dolores Gasset, “é muito suave e tem uma fé cristã inabalável”¹⁷. José Ortega y Gasset, Pepito como era conhecido, tinha três irmãos: Eduardo, o irmão mais velho, e Rafaela e Manuel, os menores.

A família Ortega y Gasset era muito importante e respeitada em Madrid. Além da relação dos pais com o jornalismo, a família possuía muitos homens envolvidos na imprensa e muitos outros em política. Isso fez Ortega y Gasset crescer com uma visão privilegiada da sociedade espanhola e também com uma paixão pela escrita sobre política, religião, cultura e praticamente todos os grandes temas da Espanha.

Porém, Ortega y Gasset não deixou uma obra estruturada. Pela influência da sua família com o jornal e pelo seu estilo de escrita de artigos para periódicos a obra do filósofo foi construída como pílulas soltas e sem clara relação organizacional. Essa característica dificulta a pesquisa, a problematização e o estudo filosófico de Ortega y Gasset.

Na sua infância, Ortega y Gasset chamou a atenção por seu olhar diferenciado e por sua inteligência. Um dos seus professores, don Manuel Martinez, percebeu e afirmou: “Pepito es el niño más inteligente que he tenido, y com enorme diferencia, em toda mi vida de maestro. A veces me da la impresión de que por si solo sabe ya las cosas que voy a enseñarle. (Pepito é o filho mais inteligente que já tive, e com uma enorme diferença em toda a minha vida como professor. Às vezes, tenho a impressão de que por si só ele sabe todas as coisas que vou ensiná-lo)”¹⁸.

¹⁶ MONTERO, R. **Náufrago hasta el fin**. Revista Archipiélago. Cuadernos de critica de la cultura. No 58, noviembre, 2003, p. 16.

¹⁷ Ibid, 2003, p. 16.

¹⁸ SPOTTORNO, J. O. **Los Ortega**. Madrid: Taurus. 2002, p. 134.

O seu pai, Ortega Munilla, era o responsável pela sessão literária do diário “El Imparcial” e, com certeza, foi uma das maiores influências de Ortega y Gasset. Ortega Munilla organizava encontros intelectuais em sua casa o que contribuiu consideravelmente para a vida intelectual de Ortega Y Gasset que aprendia e desfrutava das discussões culturais, políticas e filosóficas.

Os pais de Ortega y Gasset escolheram matricular os dois irmãos mais velhos, Eduardo e José, em um colégio com uma educação confessional católica, por escolha da sua mãe, Dolores Gasset. Os filhos foram para o colégio “San Estanislao de Miraflores de El Palo”, em Málaga, sob a direção dos padres jesuítas. Ortega y Gasset saiu-se muito bem nos estudos e ganhou prêmios de destaque, porém, ele não gostou dos padres jesuítas que acreditava serem ignorantes. Mas, os padres, especialmente Gonzalo Coloma, o fizeram aprender a língua grega.

Aos 14 anos, Ortega y Gasset recebe o título de “bachiller”, em 23 de outubro de 1897, qualificando-se, assim, para os estudos universitários. Nessa idade,

Ele é um rapaz pequeno, de corpo magro e cabeça grande. Cetrino, bochechas carnudas, uma covinha quebrando o queixo. Não é um garoto que diz bonito, mas ele tem uma voz persuasiva e olhos como duas furdadeiras.¹⁹ (SPOTTORNO, 2002, p. 134)

Ortega y Gasset carrega a certeza de que gostaria de se tornar um filósofo. Porém, o seu pai insiste para que se forme em Direito, mas após muita conversa o seu pai decide escutar o Padre Gonzalo Coloma e autoriza o filho a abandonar o curso de Direito e Letras, em Deusto, e ingressar em Filosofia na Universidade de Madrid.

Aos 16 anos, Ortega y Gasset ingressou em Filosofia na Universidade Central de Madrid e licenciou-se em 1902. Em dezembro de 1904, conclui o doutorado, na mesma universidade, com uma tese intitulada “Los terrores del año mil”.

Durante os seus estudos, Ortega y Gasset teve aula com o professor Nicolás Salmeron, da linha krausista, isto é, intelectuais influenciados pelo pensamento do filósofo alemão Karl Christian Friedrich Krause, que exercia uma forte influência na Espanha. A filosofia krausista foi amplamente aceito entre os pensadores espanhóis, pois se

¹⁹ MONTERO, R. **Náufrago hasta el fin**. Revista Archipiélago. Cuadernos de critica de la cultura. No 58, noviembre, 2003, p. 19.

aproximava de alguns elementos da tradição da sociedade espanhola. “Propiciava por exemplo, a defesa do individualismo, da religião e projetava uma transformação modernizadora da sociedade através de uma filosofia voltada para uma atuação prática ancorada na moral”²⁰. Esse sistema krausista correspondia exatamente aos desejos de uma burguesia ascendente na Espanha interessada, principalmente, na defesa da propriedade e no individualismo.

Porém, Ortega y Gasset adquire e alimenta uma profunda admiração pela filosofia alemã, também por meio dos intelectuais franceses Ernest Renan e Maurie Barrès que mostravam seus romances, uma Alemanha em busca do cultivo da Ciência. Para Ortega y Gasset, era necessário obter uma nova referência, uma nova influência e, por isso, afirmava “Entendi que era necessário para minha Espanha absorver a cultura alemã, engoli-la - uma nova e magnífica comida - (...) Espanha precisava da Alemanha”.²¹

Por isso, em fevereiro de 1905, Ortega y Gasset muda-se para Leipzig, na Alemanha, onde permaneceu até setembro até se mudar para Berlim, onde se matriculou na Universidade de Berlim e saiu em fevereiro de 1906. Na Alemanha, ele passou por muitas dificuldades desde aprender a língua alemã, a fome por não ter muitos recursos e não depender financeiramente dos pais, que também não possuíam recursos e a dificuldade natural da filosofia de Kant. Porém, apesar das dificuldades, Ortega y Gasset tinha uma enorme certeza: “A Alemanha é uma etapa característica da minha vida; a energia, a força do meu espírito virá da minha iniciação alemã”.²²

Em 1907, Ortega y Gasset vence um concurso e recebe uma bolsa de estudos para voltar a Berlim e, depois, ir a Marburgo, também na Alemanha. Ali ele estudou Ética e Estética kantiana.

No dia 1 de setembro de 1909, em Madri, Ortega y Gasset assume a cátedra de Psicologia, Lógica e Ética da Escola Superior de Magistério. Nessa época, no dia 17 de

²⁰ MIRANDA, Gustavo Martins do Carmo. **O nascimento da sociologia espanhola e a juventude intelectual de Ortega y Gasset: uma dupla influência alemã**. Revista cadernos de Ciências Sociais da UFRPE. 2013, p. 135.

²¹ ORTEGA Y GASSET, José. **Prólogo para alemanes**. O.C., IX, Ed. Revista de Occidente, Madrid, 1983, p. 133.

²² Ibid, 1983, p. 556.

abril de 1910, Ortega y Gasset, aos 19 anos, decide se casar com Rosa Spottorno, que tinha 18 anos.

Rosa Spottorno tinha um temperamento sereno e era uma católica que inclusive recebia direção espiritual dos padres jesuítas. Já ele afirmava ter perdido a fé em Deus e na Igreja em sua mocidade e havia escolhido o ateísmo para a sua vida. Porém, Jordi Garcia, historiador e autor de uma das biografias de Ortega y Gasset, afirma que o filósofo possuía uma religiosidade racional, laica e humanista:

Su religiosidad en todo caso es otra y ajena a cualquier sentido esotérico, porque consiste sobre todo en el respeto pleno por lo otro y su complejidad; consiste en entender el universo como problema que ha de ser resuelto, como “dolorosa incógnita obsesionante y opresiva”, pero no paralizante o inhibidora por consolación sentimental. La emoción religiosa es ir en serio frente a la irreligiosidad como descuido y negligencia. “Religare” viene de “atar”, que es la “virtud socializadora por excelencia”, y debe aspirar a elevar al pueblo a “la noble religiosidad de los problemas, a esa disciplina interna del respeto”: ni la fe ni el escepticismo del carbonero, porque una da compasión y el otro da asco²³. (GRACIAS, 2014, p. 93).

Em 1910, após o seu casamento, Ortega y Gasset retorna, mais uma vez, a Marburgo, Alemanha e, dessa vez, junto com a sua esposa. Ele havia recebido uma bolsa de estudos e nesse período teve o seu primeiro filho, Miguel Germán, que recebe esse nome por ter nascido no dia de São Germano. Porém, prematuramente, por conta do estado de saúde do seu pai, em dezembro de 1911, Ortega y Gasset retorna em definitivo à Espanha.

Em 1912, Ortega y Gasset toma posse da cátedra de metafísica na Universidade de Madri, que havia obtido por concurso em 1910. Ele passa a lecionar e em suas aulas “repetia o método ao qual havia sido submetido na Alemanha como aluno: seções de leituras do autor em questão, seguidas por comentários e explicações”²⁴. Ele acreditava que:

²³ GRACIAS, J. **José Ortega y Gasset**. Madrid: Taurus. 2014, p. 93.

²⁴ HELENO, Gilberto. **O homem e o seu entorno: metafísica e antropologia, em José Ortega y Gasset**. São Paulo, 2017, p. 27.

Lo mejor que puede hacer el estudioso de filosofía es: no leer libros filosóficos o no leerlos en el sentido vulgar, sino abordarlos como problemas, vivirlos como conflicto y reconstruirlos mediante la propia meditación. Estará perdido si se deja llevar por la comodidad de la lectura, porque nunca será dueño de los problemas y métodos de su investigación²⁵ (GRACIAS, 2014, p. 143).

Ortega y Gasset torna-se um excelente professor e com um enorme carisma perante os alunos. Ele desenvolve o conteúdo que aprendeu e trouxe da Alemanha: “a base de sus cursos personales es esta ya desde ahora: razonar la resurrección del idealismo con Kant y los poskantianos gracias a la fenomenología de Husserl y tras la hegemonía del positivismo del XIX”²⁶.

Além da sala de aula, Ortega y Gasset começa a dar palestras e conferências em Madri. O seu conteúdo atrai a atenção não apenas de alunos e filósofos, mas também professores, intelectuais e simpatizantes. Por isso, em 1916, Ortega vai à Argentina ministrar palestras e cursos.

Em sua primeira viagem à Argentina, Ortega y Gasset leva o seu pai, Ortega Munilla, e começa a desenvolver uma respeitável carreira literária em terras hispano-americanas. Na Argentina, ele cultiva amizades e relacionamentos e participa ativamente da vida intelectual argentina.

Em 1928, Ortega y Gasset retorna à Argentina, mas por conta das críticas que fez ao “ser argentino” não é mais unanimidade. Porém, ainda assim, faz sucesso de crítica e público²⁷.

Além de lecionar, palestrar e participar de debates públicos, Ortega y Gasset também começa a escrever livros. Muitos dos seus livros nasceram de artigos enviados para jornais e revistas. Porém, segundo relata a filha Soledad Ortega, o filósofo andava com papéis e canetas no bolso para anotar e não esquecer as suas intuições e suas reflexões. A própria Soledad foi quem organizou e sistematizou toda a obra do pai, enquanto ele ainda estava vivo. E, ao reclamar pelas centenas de anotações e falta de

²⁵ GRACIAS, J. **José Ortega y Gasset**. Madrid: Taurus. 2014, p. 143.

²⁶ Ibid, 2014, p. 145.

²⁷ ORTEGA, Soledad. **J. Ortega y Gasset. Imágenes de una vita (1883-1955)**. Madrid: Font Diestre S.A., 1983. p. 45.

ordem de seu pai, ele respondia: “Você tem a ordem geométrica e eu tenho a ordem vital”²⁸.

Em 18 de julho de 1936, inicia-se uma dramática guerra civil na Espanha. Nesse período, as ruas de Madri são tomadas por grupos milicianos com muitas perseguições e assassinatos. Em meio à guerra, a família Ortega, por sempre estar envolvida em questões políticas, refugia-se e busca segurança na casa do pai de Rosa, Juan Spotorno.

Ao mesmo tempo, Ortega y Gasset começa a sofrer de uma septicemia por causa de um problema de vesícula biliar. Nessa fase, um grupo de milicianos busca Ortega y Gasset para colher a sua assinatura em um manifesto de apoio ao setor republicano. Porém, ele se recusa a assinar e quem "salva a situação é um grupo de escritores de uma geração mais jovem daquela de Ortega, que sugere a escritura de um novo manifesto, não redigido pela milícia, mas por eles, e mais dentro do espírito e de ideias de Ortega, Menéndez Pidal e Marañón, e que, então, seria assinado pelos três”²⁹. Os milicianos aceitaram, mas a situação se agravou o que causou o exílio.

La noche del 31 de agosto, conseguido ya el pasaporte con el apoyo de la Embajada Francesa y escoltados por tío Eduardo con las milicias del Colegio de Abogados, “las Águilas negras”, salimos de la Residencia (...) Nos embarcamos en un buque francés de los que hacían habitualmente el comercio entre Marsella y nuestros puertos y que se carga ahora de refugiados³⁰ (ORTEGA, 1983, p. 50).

Em 1938, já no exílio, a enfermidade de Ortega y Gasset se agrava e em outubro daquele ano a família o interna em uma clínica para ser operado. Em 1939, no fim da Guerra Civil Espanhola e o começo da Segunda Guerra Mundial, Ortega y Gasset realiza a sua terceira, e última, viagem à Argentina para ministrar conferências para um grande público. O filósofo e sua família consideravam fixar residência em terras argenti-

²⁸ Ibid, 1983, p. 38.

²⁹ HELENO, Gilberto. **O homem e o seu entorno: metafísica e antropologia, em José Ortega y Gasset**. São Paulo, 2017, p. 31.

³⁰ ORTEGA, Soledad. **J. Ortega y Gasset. Imágenes de una vida (1883-1955)**. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia / Fundación José Ortega y Gasset, 1983, p. 50.

nas, porém, apesar do seu sucesso, Ortega y Gasset não se sentiu acolhido e prestigiado.

Muitos amigos e muitos autores relatam o grande desânimo e até uma certa depressão que marcaram a existência de Ortega y Gasset naquela época, ainda que no período tenha havido concretização de enorme importância no seu percurso intelectual³¹.

Ortega y Gasset retorna à Europa, mas especificamente a Lisboa. Após uma viagem transatlântica que começara no dia 9 do mês anterior, Ortega y Gasset desembarca, em Lisboa, em 21 de março de 1942³². A escolha por Portugal não foi por algum grande motivo acadêmico que o atraísse, mas principalmente a proximidade dos seus filhos³³.

Em Portugal, ele retoma a sua produção literária e desenvolve novas amizades. De acordo com testemunhos da sua filha, Soledad Ortega, a vida portuguesa era, para ele, um pouco apagada e melancólica, mas iria proporcionar-lhe um canto tranquilo para trabalhar³⁴, o que o levará a chamar Lisboa o seu “trabajadero”³⁵. E após algumas visitas silenciosas, Ortega y Gasset retorna a Espanha, depois de anos de exílio. “No dia 4 de maio de 1945, Ortega faz aquela que será considerada a sua reinserção na cena pública espanhola, depois dos anos de exílio, com uma conferência cujo tema é *Idea de Teatro*. Em 1948, juntamente com seu discípulo Julian Marías, funda o *Instituto de Humanidades*”³⁶.

Em seus últimos anos de vida, Ortega y Gasset recebe convites de vários países da Europa e dos Estados Unidos e ministra diversas palestras e conferências. Recebe o título de *Doctor Honoris Causa* na Universidade de Glasgow, Inglaterra. “Em Darms-

³¹ AMOEDO, Margarida I. Almeida. **Ortega y Gasset em Lisboa: tradução e enquadramento de la razón histórica [curso de 1944]**. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2017, p. 18.

³² Ibid, 2017. p. 19.

³³ ZAMORA BONILLA, Javier. **Ortega y Gasset**. Barcelona: Plaza & Janés, 2002, p. 447.

³⁴ ORTEGA, Soledad. **J. Ortega y Gasset. Imágenes de una vida (1883-1955)**. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia / Fundación José Ortega y Gasset, 1983, p. 54.

³⁵ MARÍAS, Julián. **Ortega. Las trayectorias**. Madrid: Alianza Editorial, 1983, p. 366.

³⁶ HELENO, Gilberto. **O homem e o seu entorno: metafísica e antropologia, em José Ortega y Gasset**. São Paulo, 2017, p. 32.

tadt, ministra uma conferência tendo como ouvinte nada menos que Martin Heidegger³⁷. Além disso, ele recebe dedicatórias, homenagens e colhe os frutos de uma vida dedicada à profunda reflexão filosófica.

No dia 18 de outubro de 1955, José Ortega y Gasset morreu em Madri, em uma operação sem sucesso, por um diagnóstico de câncer gástrico.

1.1. ORTEGA Y GASSET E A ESPANHA DO SEU TEMPO

Desde o início de suas inquietações e a sua busca pelas ciências filosóficas, até a sua morte, em 1955, Ortega y Gasset teve a Espanha como seu principal campo de reflexão. Na maioria dos seus textos, o filósofo tentou avaliar e problematizar os dilemas espanhóis, em busca de soluções. Ortega y Gasset acreditava que um dos grandes problemas era a crescente massificação da sociedade, que impedia a ação de uma minoria qualificada e melhor preparada.

O filósofo pensou a Espanha por meio do rigor filosófico que absorveu na Alemanha, pois ele entendia que “na Espanha havia falta de ciência, método, rigor e disciplina intelectual”³⁸. Ortega y Gasset escolhe a Alemanha como referência de país e de cultura, e em alguns momentos deixa transparecer considerar a Espanha quase um caso perdido. Entretanto, ele buscava construir uma nova Espanha, envolvendo todos os espanhóis que deveriam organizar juntos um projeto comum.

Para a construção de uma nova nação, Ortega y Gasset acreditava que todos os espanhóis deveriam abrir mão de suas preocupações, para encontrar os outros, em uma sensibilidade social. “Todo cidadão precisa romper o cerco hermético de suas preocupações exclusivas e aguçar sua sensibilidade ao todo social”³⁹. Para Ortega y Gasset, sem esse compromisso com o todo social, a sociedade estaria sem rumo.

³⁷ Ibid, 2017, p. 32.

³⁸ MARTÍN, F. J. **La difícil conquista de la modernidad**. Revista Archipélago. Cuadernos de Crítica de la cultura. No 58/2003 - noviembre, p. 89.

³⁹ ORTEGA Y GASSET, José. **España Invertebrada**. O.C., III, Madrid, Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, 2005, p. 73.

A Espanha precisava aproveitar o que cada indivíduo tinha para oferecer, a fim de que, assim, todas as ações e as reações fossem multiplicadas por todos. Dessa forma, a nova Espanha seria construída, a partir da nova atitude de todos, pois "somente uma nação desse destino elástico pode, em seu dia e hora, ser rapidamente carregada com a eletricidade histórica que proporciona grandes triunfos e garante reações decisivas e salvadoras"⁴⁰.

Ortega y Gasset afirmava que a Espanha deveria voltar a ser forte e acreditava que a grande causa de sua pequenez havia sido o particularismo. Ortega y Gasset o definiu assim:

A psicologia do particularismo que tentei delinear poderia ser resumida dizendo que o particularismo ocorre sempre que uma classe ou associação, por um motivo ou outro, produz a ilusão intelectual de acreditar que outras classes não existem como realidades sociais completas ou, quando menos, eles não merecem existir. Dito de maneira ainda mais simples: particularismo é o estado de espírito em que acreditamos que não precisamos contar com os outros (ORTEGA Y GASSET, J., 2005, p. 79).

Dessa forma, o particularismo torna-se inimigo de uma proposta de unidade e de relações entre todos, pois cada pessoa se enxerga como alguém isolado, o que impossibilita qualquer consenso ou diálogo. Para Ortega y Gasset, essa era uma das grandes causas pelas quais a Espanha não conseguia criar um projeto comum, em que "não é necessário nem importante que as partes de um todo social correspondam aos seus desejos e idéias; o necessário e importante é que você conheça cada um e, de certa forma, vivo, os dos outros"⁴¹. O particularismo oferecia projetos particulares, porém, deveria se buscar um único projeto em que todas as pessoas se tornassem responsáveis por ele.

Ortega y Gasset acreditava que uma das formas de lutar contra o fenômeno do particularismo era o que ele chamou de *ação legal*, que é um esforço a ser feito para conquistar a adesão de outras pessoas a um projeto, que poderia se tornar um projeto comum. "O esforço para convencer os outros e levá-los a aceitar nossa aspiração parti-

⁴⁰ Ibid, 2005, p. 73.

⁴¹ Ibid, 2005, p. 74.

cular, é a ação legal”⁴². Dessa maneira, o projeto passa por todas as pessoas e recebe de todos a consagração de legalidade.

Segundo Ortega y Gasset, os políticos espanhóis não colaboravam ou a classe não colaborava para a busca de um projeto comum para a Espanha. Para ele, os políticos são os primeiros a incorrer no particularismo e a planejar e implementar projetos particulares.

Em sua obra *Espanha Invertebrada*, Ortega y Gasset começou a apresentar alguns conceitos e ideias que depois desenvolveu em sua grande obra, *A Rebelião das Massas*, tais como massas e minoria diretoria. Para Ortega y Gasset, a Espanha vivia sobre o império das massas que desejavam dominar projetos particulares, mas que não aceitavam se relacionar e dialogar com as minorias, que naquele contexto, segundo Ortega y Gasset, eram qualificadas. As massas, as multidões não criavam um projeto comum, mas se dispersavam em vários projetos particulares.

1.2 ORTEGA Y GASSET E O SEU PERÍODO NA ALEMANHA

Em sua primeira experiência na Alemanha, em sua incursão a Leipzig, em 1905, Ortega y Gasset afirmou: “Passei sete anos aqui onde nada deu errado, mas onde nada correu bem”⁴³. Ortega y Gasset retornou à Alemanha mais duas vezes, em 1907 e 1911, para novos períodos de estudos e de pesquisas.

Ao retornar da sua primeira viagem da Alemanha, Ortega y Gasset demonstrou alegria, mas um certo descontentamento pelas circunstâncias encontradas, especialmente pelo choque cultural.

Fazendo um balanço desse tempo decorrido, descubro que não perdi tempo: aprendi alemão, aprendi um pouco de latim e grego, coloquei alguns marcos no estudo da história moderna alemã, conheço decentemente os elementos do Histologia e Osteologia (...) Portanto, sou feliz comigo mesmo e infeliz com as circunstâncias que não me ajudaram (ORTEGA, 1991, p. 200).

⁴² Ibid, 2005, p. 79.

⁴³ ORTEGA, Soledad. **J. Ortega y Gasset: Cartas de un joven español**. Madrid: El Arquero. 1991, p. 200.

Porém, apesar das dificuldades, Ortega y Gasset acreditava que na Alemanha encontraria a verdadeira filosofia para se tornar um relevante filósofo espanhol. O filósofo desejava fazer uma profunda imersão na filosofia e na cultura alemã, para encontrar um antídoto contra o que pensava ser o atraso espanhol.

Ortega y Gasset sempre teve Nietzsche como um dos seus autores prediletos, mas, em seu período na Alemanha, ele passou a se aprofundar em Kant, tendo uma formação neokantiana. Ortega y Gasset pretendia se tornar o primeiro espanhol a estudar Kant profundamente. Em Berlim, o filósofo escreveu para o seu pai: “Agora estou em, de, com, por e em Kant e espero ser o primeiro espanhol a estudá-lo seriamente”⁴⁴. Ele foi profundamente influenciado por seus professores Hermann Cohen e Paul Natorp que o ajudaram no kantismo.

Porém, mesmo encantado pela Alemanha, Ortega y Gasset nunca tirou os olhos da Espanha. Ele acreditava que o modelo latino de cultura estava em declínio e ultrapassado e, por isso, buscava se inspirar em um novo modelo, o alemão. Apesar disso, ele reconhecia carências no modelo da Alemanha, mas mesmo assim acreditava ser melhor que o sistema francês que a Espanha usava como referência e como paradigma.

Enquanto se aprofundava no estudo do idealismo alemão, Ortega y Gasset se convencia de que “a realidade não existe, o homem a produz. Realidade não é o que você vê, ouve, sente - mas o que pensa; visto, ouvido, sentido é apenas aparência”⁴⁵.

Existem dois mundos, o mundo da sensação e o da verdade; aquele é momentâneo como a sensação, é eterno, o mundo normal, o mundo de dois mais dois iguais a quatro, cuja igualdade ainda é triste ou alegre. Esse mundo da verdade, do que realmente é - diria Platão - é o que vivemos, quando pensamos cientificamente, o outro é o que construímos com nosso bom ou mau humor, com nossa opinião boa ou ruim. Se minha vida intelectual for entregue a este mundo, minha vida intelectual não será verdadeira, não será conforme com o que as coisas são de verdade: em vez disso, quanto maior a energia do regime científico eu alcançar, a minha vida intelectual será mais forte, mais profunda e mais verdade (ORTEGA, 1991, p. 556).

⁴⁴ Ibid, 1991, p. 255.

⁴⁵ Ibid, 1991, p. 551.

Ortega y Gasset acreditava que o idealismo era o responsável por colocar ordem em meio aos caos das múltiplas coisas no mundo. Ele afirmava que o verdadeiro idealista:

não copia, pois, as ingênuas imprecisões que atravessam seu cérebro mas o afunda ardentemente no caos das supostas realidades e busca .entre elas um princípio norteador para dominá-las, para apoderar-se fortemente das coisas, que são sua única preocupação⁴⁶.

Para Ortega y Gasset, admirar um quadro deve levar além do realismo e chegar à realidade virtual, que vai além dos elementos reais que constituem a pintura. Ortega y Gasset dá o nome dessa realidade virtual de unidade: “o que está nele também já não é mais uma coisa, é uma unidade, um elemento inquestionavelmente irreal”⁴⁷. E Ortega y Gasset conclui afirmando que a unidade não vem das cores ou das linhas, porque as cores e as linhas são coisas, mas a unidade não é.

Dessa forma, o artista tem o primeiro trabalho de detectar a relação entre todas as coisas. Assim, o artista não apenas copia algo, mas antes disso avalia as “relações com os outros, ou seja, seu significado, seu valor”⁴⁸. O que é valor depende de cada ponto de vista, pois a mesma coisa pode carregar em si valores diferentes que dependem da maneira como as pessoas pensam, enxergam e tocam.

Após pensar no conceito de relação, Ortega y Gasset passa a desenvolver o conceito de vida. Ele afirma que a ciência dividiu o problema da vida em natureza e em espírito. Em suas reflexões e pesquisas, Ortega y Gasset passa a criticar o idealismo, por entender que não resolvia os problemas mais vitais do homem e passa a seguir Husserl. Para ele, a obra capital de Husserl, *As Investigações Lógicas*, aponta para onde a filosofia deveria caminhar no futuro. No seu entendimento, era necessário abandonar o idealismo e a fenomenologia e colocar a vida como princípio primeiro de toda a realidade. Ele busca individualizar a vida ao máximo.

⁴⁶ ORTEGA Y GASSET, José. **Adan en el paraíso**. O.C., II. Madrid, Alianza-Revista de Occidente, 1983, p. 70.

⁴⁷ Ibid, 1983, p. 59.

⁴⁸ Ibid, 1983, p. 59.

Para tanto, resgata a narrativa do livro de Gênesis, primeiro livro da Bíblia, que apresenta Deus criando todas as coisas. Na narrativa bíblica, após ter criado luz, terra, águas, plantas, árvores frutíferas, céu, dia, noite, animais, no sexto dia, Deus cria o homem, Adão. Dessa forma, para Ortega y Gasset a vida começa em Adão, pois ele não apenas vive, mas sabe o que é viver: “Adão foi o primeiro ser que, vivendo, se sentiu vivo. Isso é o homem: o problema da vida”⁴⁹.

1.3 ORTEGA Y GASSET E A SUA VIDA EM BUENOS AIRES

Ortega y Gasset fez a sua primeira viagem para Buenos Aires, Argentina, em 1916. Na época, o filósofo já era reconhecido e professor de Metafísica na Universidad Central de Madrid, assíduo nos jornais espanhóis de maior tiragem, conferencista destacado e ensaísta consagrado desde a publicação do seu livro “Meditações de Quijote”. Ortega y Gasset foi à capital argentina como convidado da Instituição Cultural Espanhola e teve uma calorosa e amável recepção. A sua presença trouxe um grande êxito com pessoas interessadas em conhecê-lo e desfrutar da sua presença.

Em 1928, retornou a Buenos Aires, após a publicação dos primeiros volumes de alguns dos seus livros. Dessa vez, voltou como um grande filósofo, bastante conhecido e inclusive lido na Argentina, até por suas participações na imprensa argentina.

Em seu retorno em 1939 o cenário começou a mudar. O encanto encontrado nas primeiras viagens já não era o mesmo. Inclusive a própria depressão que marca a vida do filósofo também influência no novo momento. Esse novo cenário e relação teve uma enorme influencia na decisão de Ortega y Gasset em decidir partir para Portugal em 1942.

1.4 ORTEGA Y GASSET E O SEU PERÍODO EM PORTUGAL

Ortega y Gasset havia visitado Portugal apenas uma vez em fevereiro de 1939. Porém, em março de 1942, mudou-se para o país, mesmo sem que nada o atraísse for-

⁴⁹ Ibid, 1983, p. 64.

temente, mas por conta da proximidade dos seus filhos e pelas enormes dificuldades econômicas, além da decepção com os projetos editoriais que fracassaram na Argentina.

Em Portugal, Ortega y Gasset não possuía o destaque e a projeção pública que encontrou na Espanha, em outros países da Europa e na própria América. Porém, em Portugal o filósofo começou a sua última etapa de desenvolvimento da sua reflexão filosófica.

Desde 1939 a Espanha vivia a partir do “Tratado de Amizade e Não Agressão” que serviu os interesses tanto do regime de Franco, na Espanha, como de Salazar, em Portugal. Mas, apesar do tratado, estava longe de terminar a guerra e especialmente o paternalismo de Salazar que construiu um regime ditatorial, voltado para si mesmo, fechado e extremamente nacionalista.

Nessa época, Ortega y Gasset recebia visitas de alguns amigos espanhóis e personalidades com relevância política tanto em Portugal como na própria Espanha. Esses encontros ofereceram um novo Ortega y Gasset que se abriu para todo o mundo que desejasse desfrutar da sua máxima potencialidade expressiva. Em uma citação de Pedro Moura e Sá, Ortega foi, acima de tudo, “poeta, no sentido de construtor de mito”⁵⁰.

Já no final de 1944, passou a colaborar com a Universidade de Lisboa. No início estava previsto um curso de dez lições, mas por problemas de saúde do professor, apenas foram ministrados cinco.

Em sua primeira aula na Universidade de Lisboa, Ortega y Gasset afirmou que a inteligência não é algo que temos como uma propriedade. Todos precisam estar alertas quanto ao risco de agir de forma não inteligente para que, dessa forma, evite o risco da estupidez. Depois, Ortega y Gasset explicou como missão intelectual ser essencialmente *vox clamantis in deserto*, assumindo a solidão enquanto o seu modo mais perfeito de ser. O filósofo ainda nomeia Parménides e Heráclito como os fundadores da Filosofia e aproveita para sustentar a sua posição de como compreender o humano, em qualquer das suas manifestações e de suas atividades requer uma deslocação racional ao seu

⁵⁰ SÁ, Pedro de Moura e. **Vida e Literatura**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1960. p. 259.

momento originário. Ortega y Gasset começa “a identificar o que há de específico no método intelectual e em que consiste historicamente a sua novidade”⁵¹.

Em sua segunda aula, Ortega y Gasset apresenta a distinção entre existência e consistência, e entre ser e ter sido. O filósofo dedica-se a expor aos ouvintes e aos alunos “uma teoria com consistência filosófica e com uma existência efetiva, quer dizer, um filosofar autêntico, atual, em que se conserva e ao mesmo tempo se supera a filosofia passada”⁵².

Na terceira aula, Ortega y Gasset continua em sua apresentação sobre a inautenticidade que se apresenta em imagens preconcebidas de qualquer profissão.

Já na quarta aula, Ortega y Gasset apresenta o desmoronar da arquitetura geral do mundo e da humanidade, restando ao ser humano refletir sobre o seu viver.

Para o filósofo, na

situação extrema atingida, comparável a uma queda no vazio, a filosofia tem de assumir a tarefa de realizar a teoria indispensável acerca do essencial da vida de cada um, tem de reagir intelectualmente à perda, em particular, da confiança herdada do Iluminismo e das diretrizes até há pouco tempo vigentes⁵³. (AMOEDO, 2017, p.36)

Ortega y Gasset conta com a experiência da vida, ou seja, com o sentido acumulado em certas expressões da linguagem familiar para rastrear o saber vital, que acaba sendo o saber acerca da vida que a própria vida encerra.

Já na quinta e última aula, afirma não se alinhar com o intelectualismo e nem com o racionalismo, por compreender a vida humana como uma tarefa racional. A filosofia deve diferenciar das outras formas de conhecer, ciências particulares, que precisava encontrar um novo modelo e uma nova razão. Para Ortega y Gasset, o fracasso a que a inteligência tinha chegado requeria uma análise profunda dos aspectos e dos problemas, para construir os princípios de que poderia surgir uma nova metodologia. Era necessário, segundo ele, uma filosofia à altura do novo tempo, ou seja, “uma rea-

⁵¹ AMOEDO, Margarida I. Almeida. **Ortega y Gasset em Lisboa: tradução e enquadramento de la razón histórica [curso de 1944]**. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2017, p. 34.

⁵² Ibid, 2017, p. 34.

⁵³ Ibid, 2017, p. 36.

ção intelectual à situação extrema e adversa à cultura racional, em que o ser humano se encontrava no Ocidente”⁵⁴. A própria teoria orteguiana acerca da vida humana oferecia a possibilidade de saber o que fazer naquelas circunstâncias, para descobrir não apenas alguma consolação, mas antes motivos para justificar as escolhas do momento.

Ortega y Gasset começou ainda a preparar por escrito uma sexta aula, mas não conseguiu concluir, quer pela doença, quer também por ter entrado novamente na Espanha e onde volta a encontrar casa.

Após ter ficado praticamente nove anos fora da Espanha, Ortega y Gasset volta a Madri, onde, após tantas mudanças, volta e encontra casa para usar durante as temporadas que irá ficar por lá. Mesmo assim, o filósofo mantém a sua casa em Lisboa, a sua residência oficial, até a sua morte em 1955.

Em 1947, Ortega y Gasset permanece mais em Portugal para trabalhar em um dos seus livros e nos anos seguintes passa a usar cada vez menos a sua residência em Lisboa. Por fim, em 1955, o filósofo Ortega y Gasset morre de câncer, aos setenta e dois anos.

1.5 ORTEGA Y GASSET E A “GERAÇÃO DE 98”

O ano de 1898 foi um ano significativo na história da América Hispânica. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra de independência cubana e a derrota da Espanha, ocorreu o fim do Império Espanhol na América, culminando na perda de Cuba e de Porto Rico, ao mesmo tempo em que findava na Ásia, com a perda das Filipinas. Tal fato contribuiu significativamente para o surgimento de um grupo de intelectuais na Espanha que ficou conhecido como a “geração de 1898”.

A “Geração de 98” foi um movimento intelectual espanhol da virada do século XIX para o XX, formado por um grupo que tinha José Ortega y Gasset, Miguel Unamuno, Azorín, Pío Baroja, Ramiro de Maeztu, entre outros. Todos pensadores com uma profunda crítica aos problemas sociais e políticos da Espanha e com uma grande produção literária.

⁵⁴ AMOEDO, Margarida I. Almeida. **Ortega y Gasset em Lisboa: tradução e enquadramento de la razón histórica [curso de 1944]**. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2017, p. 37.

Essa geração se formou por um grupo de espanhóis composto de pensadores, ensaístas, literatos e poetas, que não se conformaram com o chamado *Desastre*, ou seja, a perda, por parte da Espanha, do que restou do seu império colonial para os Estados Unidos, o que resultou em “uma imensa catástrofe coletiva na vida nacional”⁵⁵. Os intelectuais se referiam à derrota da Espanha pelos Estados Unidos como “Desastre”. Após a guerra de 1898, os Estados Unidos lutava contra Espanha pelo domínio das últimas colônias, e a assinatura do Tratado de Paris, a Espanha foi obrigada a renunciar ao domínio sobre Cuba, Porto Rico, Filipinas e Guam, em benefício dos Estados Unidos.

Ortega y Gasset, à época com 15 anos de idade, sentiu pessoalmente o impacto econômico em sua família, com a perda de bens no exterior. A geração passou a atuar somente por causa da derrota na guerra hispano-estadunidense e existiram graves tensões domésticas, pois “com a geração de 98, emergem tensões entre cidade e campo, capital e províncias, como modos de vida e sinais de identidade”⁵⁶.

A “Geração de 98” representava uma minoria que poderia oferecer um novo projeto à Espanha que vivia uma crise política e moral por tudo que havia ocorrido. Porém, não foi fácil, pois os próprios integrantes do grupo não sabiam o que fazer.

A Espanha se encontrava numa situação dramática. Enquanto outros países europeus possuíam uma burguesia urbana, a Espanha ainda não havia incorporado a modernidade, sofria com a falta de avanço tecnológico, decorrente das revoluções industriais. Além disso, a Espanha não possuía projetos políticos fundamentados na democracia e em monarquias constitucionais.

Inversamente, se constituía como um país rural, mantendo fortes laços com o catolicismo e o militarismo, com uma economia atrasada e apresentava problemas na educação. Além disso, as lutas internas, sobretudo entre liberais e conservadores colaborava para agravar a crise do país ibérico. Tudo isso indicava a decadência do que um dia fora uma grande potência e evidenciava o contraste entre a Espanha e seus vizi-

⁵⁵ PARENTE, L. **Panorama de la filosofía española del Novicentos**. Revista de Estudios Ortegaianos. No 18, 2009, p. 197.

⁵⁶ MOLINUEVO, J. L. **Para leer a Ortega**. Madrid: Alianza editorial, 2002, p. 22.

nhos. A guerra hispano-americana contribuiu ainda mais para tornar clara essa decadência⁵⁷. (GOUVEIA, 2011, p. 1)

Os integrantes da “Geração de 98” haviam nascido entre 1864 e 1876, mas Ortega y Gasset havia nascido em 1883. Ou seja, Ortega y Gasset era um adolescente, enquanto os integrantes eram já adultos. Apesar disso, o próprio Ortega y Gasset se colocava como um dos integrantes de 98, por buscar um novo caminho e projeto para reformar a Espanha. Ele afirmava ser parte da “Geração 98” para outras pessoas, como quando disse ao pai: “uma nova raça de homens, talvez poucos, está nascendo na Espanha e eu sou o último dessa raça, mas sou dela”.⁵⁸ Em um dos seus discursos no Parlamento do Chile, em 1928, disse: “vinte anos atrás, um grupo de garotos decidiu trabalhar na transformação radical de nossa antiga nação e, sem o apoio oficial, sem meios talentosos, com nossas próprias mãos, suavizamos primeiro e depois demos novas formas à matéria abafada de nossa antiga existência espiritual”⁵⁹.

Alguns filósofos, entre eles Vicente Cacho Viu, chegaram a creditar a Ortega y Gasset a criação do termo “Geração de 98”, por conta do esforço em reformar a Espanha. Porém, a proposta de Ortega y Gasset era um projeto de europeizar a Espanha, contrariamente a maioria do grupo “Geração de 98”, entre eles Unamuno, que propunha valorizar a Espanha a partir dela mesmo, não a partir da Europa.

O filósofo Vicente Cacho Viu afirmou que o fato de Ortega y Gasset e outros jovens espanhóis da mesma geração terem recebido bolsas de estudo visando a uma formação acadêmica estrangeira fazia com que eles assumissem a missão de tirar a Espanha do Desastre.

Antes da “Geração de 98”, as tentativas de a Espanha abrir-se para a Europa fracassaram. A possibilidade de aderir ao Positivismo científico, de inspiração germânica, por meio do krausismo, não foi aproveitada e fracassou. Para Ortega y Gasset, os princípios do filósofo alemão Karl Christian Friedrich Krause, “a humanidade não preci-

⁵⁷ GOUVEIA, R. C. **A “Geração de 1898”, o “Desastre” e a retomada das relações entre a Espanha e as repúblicas hispano-americanas.** São Paulo, julho 2011, p. 1.

⁵⁸ CACHO VIU, V. **Repensar el noventa y ocho.** Madrid: Biblioteca Nueva, 1997, p. 262.

⁵⁹ ORTEGA Y GASSET, José. **Discurso en el Parlamento Chileno.** O.C., IV, Madrid, Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, 2005, p. 228.

sa ser vista em declínio, mas como uma humanidade que começa a tomar consciência de seu propósito social e de sua alta perfeição que o espera” seriam uma possibilidade de progresso, mas por causa do catolicismo, a Espanha fracassou.

De acordo com Ortega y Gasset, os krausistas, na década de 70, tentaram sujeitar o intelecto e o coração à disciplina germânica. Porém, a proposta não teve sucesso, por conta do catolicismo que pretendia assumir a responsabilidade pela história da Espanha e que viu uma declaração de fracasso da cultura espanhola.

Por isso, a “Geração de 98” apresenta-se como uma possibilidade de abertura para a modernidade. E Ortega y Gasset passa a angariar apoio de importantes figuras do cenário intelectual espanhol para prospectar novas ideias e práticas e especialmente com uma drástica renovação de lideranças, principalmente política.

Ortega y Gasset afirmava que a Espanha oficial deveria dar lugar à Espanha vital:

Uma Espanha oficial que persiste em prolongar os gestos da velhice e outra Espanha aspirante e germinativa, uma Espanha vital, talvez não muito forte, mas vital, sincera, honesta, que, dificultada pela outra, não consegue entrar na história completamente⁶⁰. (Ortega y GASSET, 1993, p. 714)

Mesmo se declarando ateu, Ortega y Gasset usou como referência um texto bíblico para explicar claramente a sua ideia e o seu desejo.

Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, pois o remendo forçará a roupa, tornando pior o rasgo. Nem se põe vinho novo em vasilhas de couro velhas; se o fizer, as vasilhas se reventarão, o vinho se derramará e as vasilhas se estragarão. Pelo contrário, põe-se vinho novo em vasilhas de couro novas; e ambos se conservam⁶¹. (BÍBLIA, 2003, p. 774)

Para Ortega y Gasset, as novas gerações mereciam novas vasilhas de couro e uma nova Espanha e não vasilhas de couro velhas, que para Ortega y Gasset, era a Espanha oficial que se mantinha com gestos da velhice.

⁶⁰ ORTEGA Y GASSET, José. **Vieja y nueva política**. O.C., I, Madrid: Alianza Editorial, 1993, p. 714.

⁶¹ **Bíblia** Sagrada, Nova Versão Internacional, Mateus 9:16,17. São Paulo: Editora Vida, 2003.

O grande problema da Espanha, para Ortega y Gasset, começava na elite política que tomou o Estado em suas mãos, pois eles tinham seus clientes em altos cargos administrativos, governamentais e técnicos, ocupando os conselhos de todas as grandes empresas, aproveitando tudo o que existia no país e ainda tendo na imprensa os maiores propagadores na Espanha.

Era necessário reagir e resgatar os espanhóis para uma nova política, um novo tempo, uma nova vitalidade nacional. Para isso, Ortega y Gasset decidiu criar a Liga de Educação Política que serviria para ir contra as políticas de gritos e de grandes massas, oferecendo um espaço para as líderes minoritários que Ortega y Gasset acreditava serem mais educados, mais atenciosos e mais responsáveis. O convite seria para que essa minoria pudesse colaborar com seu entusiasmo, seus pensamentos, sua convocação e sua coragem.

A Liga de Educação Política, projeto lançado por Ortega y Gasset, estudaria todos os detalhes da vida espanhola para propor soluções, com o objetivo de chegar ao coração das massas. A Liga se tornou um movimento que visava a pensar os problemas da Espanha, a fim de preparar uma minoria que interviesse para conscientização das massas, assumindo a responsabilidade de conduzir e propor soluções. Por meio da Liga, Ortega y Gasset conseguiu criar um movimento intergeracional, obtendo admiração e respeito dos mais jovens, dos mais velhos e daqueles que faziam parte da mesma geração.

2. AS RELAÇÕES ENTRE JOSÉ ORTEGA Y GASSET E O NOSSO TEMPO

As propostas de José Ortega y Gasset sempre reforçam a necessidade e a importância de um olhar ao outro, um resgate às relações com todos e todas com diálogo e com muita empatia.

A reflexão de Ortega y Gasset parte sempre de um dado atual que é a situação real da Espanha, seu país. O aspecto da circunstância que surge da necessária racionalização do contexto é de fundamental importância em toda a sua reflexão e em sua obra.

O filósofo espanhol Julián Marías, seu intérprete mais conhecido, escreveu um prefácio em uma das edições da obra “A rebelião das massas” em que afirmou que ali estava uma das obras mais relevantes do século XX, mas acrescentou “eu diria também que é uma das mais mal-interpretadas”.⁶²

Ortega y Gasset jamais estimulou a violência como normativa, ignorando o outro, jamais reforçou a ideia de um homem ser qualificado por classe social ou categoria trabalhadora e sempre acreditou que o Estado deveria agregar pessoas dispostas a pensar um novo jeito, desconsiderando a raça, o sangue, a classe social, a religião.

Podemos perceber as críticas de Ortega y Gasset ao seu tempo e, concomitantemente, relacionar e identificar uma grande similaridade com o nosso tempo e as nossas relações.

Por isso quero destacar cinco características apresentadas por Ortega y Gasset e que acredito continuam presentes no nosso tempo. A partir do Ser Homem, O Outro, Homem-Massa, Meninos Mimados, Especialistas e Nacionalismo.

Ao apresentar o “Ser Homem”, Ortega y Gasset mostra a vida que encontra inúmeras possibilidades que podem ou não ser escolhidas. A vida acontece no mundo e faz com que homem e mulher tenham que tomar decisões diante das circunstâncias. O que faz Ortega y Gasset apresentar a vida como “um gerúndio e não um participio: um

⁶² ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1962, p. 5.

fazendo e não um fato”⁶³. Homem e mulher constroem a sua existência, a partir de suas próprias experiências, em uma dialética histórica, que acontece no “ir sendo”, no viver. Dessa forma, como a vida acontece no “ir sendo” o homem não é, mas vive. O que significa que é no viver que a vida humana acontece.

Nesse viver, a antropologia de Ortega y Gasset apresenta o ser humano passando por alteração e pelo ensimesmamento. Alteração que faz o homem se encontrar perdido na história. Ensimesmamento em que o homem mergulha dentro de si, para explorar o mundo.

Como homem e a mulher não são, mas passam a ser a cada momento, Ortega y Gasset afirma que exatamente por isso o ser humano deve pensar para viver. Pensamento que pode oferecer um perigo de se perder. Perder-se de si e inclusive dos outros, isto é viver de maneira alterada e sem autenticidade. Entretanto, perder faz parte do processo trágico do ser humano e se reencontrar é um enorme privilégio.

Estar no mundo pensando, alterando-se e ensimesmando-se é encontrar a realidade da solidão que se faz presente na vida humana. O homem se encontra diante de tudo e de todos, mas só na sua própria realidade. Uma solidão que faz com que o homem se recolha para avaliar e para escolher as suas próprias ações, entre todas as possíveis.

Entretanto, estar no mundo também é encontrar oportunidades para preencher a solidão por meio de amizades e de redes de relacionamentos. Relações que incluem o outro que está em contato com o nosso próprio “eu” e que encontra espaço em nossas vidas.

O outro existe, independente das nossas escolhas. Ele existe. Ela exista. E todo ser humano vive em uma relação com outro. Todo ser humano nasce para um mundo de relações com outros homens e outras mulheres. Pois não existe um mundo apenas de pedras ou de minerais para o ser humano.

Viver nos faz imediatamente encontrar homens e mulheres. E ainda mais, viver nos leva a encontrar e nos relacionarmos com outros. Acontece que nas relações percebemos e lidamos com as diferenças e as oposições. Mas para Ortega y Gasset, em-

⁶³ ORTEGA Y GASSET, José. **Historia como sistema**. O.C., VI, Madrid: Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, 2006, p. 65.

bora o outro seja um não eu, pois a sua intimidade é pessoal, o outro existe e todos precisam se relacionar, inclusive para tomar consciência do próprio “eu”, ao perceber o outro “não eu”.

Ortega y Gasset acredita que as relações em que os dois lados contribuem, eu e o outro oferecem a possibilidade para se construir algo em comum, para colaborar com a coletividade. O mundo deixa de ser de um ou de outro e passa a se tornar de todos.

Trata-se de relações que, durante as construções, oferecem amizade, mas que também podem oferecer perigo com a maldade, o ódio e até mesmo a indiferença. Pois enquanto o “eu” solitário não encontra ameaças, junto com os outros sempre existem riscos pela crueldade ou até mesmo pela falta de conhecimento.

Porém, Ortega y Gasset também afirma que as relações humanas oferecem o amor que gera conexões. Amor que estimula um jeito de pensar e de viver diferente do encontrado e do apresentado pelo filósofo no homem-massa e na mulher-massa.

Em toda a sua obra, Ortega y Gasset acredita que um dos problemas das relações é o que ele define como homem-massa, que não se refere a classes sociais, mas a uma forma de ser e a uma postura. Massa que é um modo de vida, um jeito de ser homem e de ser mulher.

São homens e mulheres que, entre algumas características, apresentam uma grande busca por alimentar seus próprios e individuais desejos, uma profunda ingratidão e principalmente um jeito de viver com uma suposta liberdade, independente de todos os outros e das possíveis relações.

As massas são formadas por pessoas que ignoram a existência de todos e de todas a sua volta, pois buscam e, na maioria das vezes, encontram apenas as suas próprias escolhas e os seus próprios desejos. Inclusive por não encontrarem nenhuma vantagem ou benefício homens-massas não conseguem reconhecer valor na civilização e, por consequência, não reconhecem o valor das próprias relações humanas. Por isso, massas escolhem ignorar, desconstruir e até destruir as relações.

O filósofo acredita, ainda, que muitas pessoas que fazem parte das massas não enxergam a existência dos outros, pois se sentem perfeitas, e quando isso supostamente acontece é tão somente por algo fora delas que gerou alguma necessidade que precisou ser suprida ou simplesmente para confirmar o que pensam de si mesmas. As

massas são pessoas auto-suficientes, independentes e que não querem saber o que pensam os outros, até porque sequer percebem os outros.

As massas até buscam informações e conhecimento, mas esse desejo acontece para determinar um único jeito de ser, em um único grupo. O que torna o homem-massa com uma postura muito similar aos fascistas que desejam impor, a todo custo, as suas próprias opiniões e maneiras de viver.

Entretanto, para Ortega y Gasset o homem-massa tem assumido o poder e governado. No entanto, trata-se de um governo sem capacidade, sem diálogos, sem ciência, sem relações e com uma convivência violenta ou, como o filósofo define, uma convivência baseada ou com barbárie.

Enquanto a violência e a barbárie acabam com as relações, Ortega y Gasset apresenta o caminho da democracia liberal para um retorno à convivência, ao outro e aos relacionamentos. Uma proposta de convivência, de diálogo e de aceitação sem violência com os diferentes, com os inimigos, com a oposição e até mesmo, ou principalmente, com as minorias. Um jeito diferente das massas em um novo projeto de governo e de relacionamentos.

Massas que Ortega y Gasset também define e apresenta como meninos mimados e especialistas que “sabem” muito bem o mínimo de sua área ou do seu mundo. Mimados, pois pretendem impor a sua barbárie íntima, sem considerar, sem escutar e sem enxergar o outro. Homens e mulheres mimadas que nasceram para fazerem o que desejam, a partir das suas próprias casas, mas que estende a sua atitude egoísta também para as sociedades, nas ruas e nas relações.

São pessoas que acreditam ter total autonomia, liberdade e direito de viver como desejam, mesmo que isso signifique destruir, excluir e gerar crises nas relações. Até porque essas pessoas nem sequer conseguem reconhecer a presença do outro. Estas apresentam a vida como uma brincadeira pela falta de seriedade, de responsabilidade e de compromisso. O que fazem não tem caráter definitivo e, por isso mesmo, brincam com a tragédia.

Além disso, Ortega y Gasset também apresenta a característica de especialistas nesses homens e mulheres, os quais possuem profundo conhecimento de uma pequena parte de um âmbito específico, mas desconhecem completamente todo o restante.

Pessoas parcialmente qualificadas que acreditam ter condições e autoridade para ignorar e excluir todas as outras.

Massas, mimados e especialistas que constroem ideias particulares e radicais, a partir da sua própria e única opinião. Muitas das quais, infelizmente, escolhem a violência no lugar da pacificação, o julgamento ao invés da tolerância, o silêncio em troca do diálogo e, principalmente, a polarização no lugar das relações.

A crítica de Ortega y Gasset às massas o leva ao modelo de poder escolhido por essas pessoas: o nacionalismo. Nacionalismo que depende da relação de pessoas, especialmente diferentes, com um único objetivo, na construção de um projeto comum. Homens e mulheres que recebem o convite para construir com o Estado, para olhar para o futuro e empreender.

Porém, o Estado deveria ser um convite para todos, sem considerar raça, sangue, classe social, sexo, religião ou partido político, construir uma empresa e organizar um jeito de vida comum. O Estado não se forma com pessoas comuns. Forma-se em um projeto comum com pessoas diferentes que aceitam desenvolver relacionamentos, mas não com saudosistas com supostas purezas sociais. Os nacionalismos, para Ortega y Gasset, não são nacionalizadores, mas sim exclusivistas.

Para Ortega y Gasset, a partir das massas que possuem motivações econômicas, muitas vezes o nacionalismo sofre fortes influências internacionais, o que impossibilita qualquer tentativa de um projeto comum com pessoas diferentes e especialmente com as minorias. As influências internacionais se aproximam daqueles que se dispõem a cooperar com seus projetos de poder. Poder que usa o treinamento para aculturar as pessoas e destruir as relações. O que faz o filósofo afirmar que todos os nacionalismos são “becos sem saída”, pois “o nacionalismo é sempre um impulso de direção oposta ao princípio nacionalizador. É exclusivista”⁶⁴.

2.1 SER HOMEM

⁶⁴ ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1962, p. 173.

A forma como estuda o ser humano e a humanidade, a antropologia de José Ortega y Gasset surge, especialmente, das circunstâncias em que viveu. Ele nasceu na Espanha; tem a sua formação filosófica na Alemanha, em uma época da ascensão do Fascismo e do Nazismo e o aparecimento do “homem-massa”, além de muitas outras circunstâncias que fazem surgir o homem orteguiano.

Por que vincular a antropologia de Ortega y Gasset mais à metafísica do que ao seu pensamento político, propriamente dito? A resposta é que nele, se encontrará um pensamento sobre o homem, melhor delineado como um fato da filosofia do que um fato da sociologia. ⁶⁵ (HELENO, 2017, p. 136)

A antropologia de Ortega y Gasset estava mais vinculada à metafísica do que à sociologia. Ele não estava preso a ninguém, a não ser as suas próprias convicções. Por isso, não se vinculou a nenhum lado político. Para a esquerda, ele era um reacionário, com um elitismo social e político. Porém, para a direita, também não era aceito, especialmente por seu agnosticismo e seu laicismo.

Com essa maneira de interpretar a vida e a partir dessa compreensão hermenêutica, para Ortega y Gasset, as massas, homens e mulheres, não são classes sociais, mas um eixo psicológico.

A vida do homem e da mulher está no mundo, imerso em suas circunstâncias, levando-os a tomar decisões livremente, diante do seu projeto de vida. Projeto que encontra possibilidades de escolhas na dialética de ser ou não ser. Viver aberto às possibilidades de ser homem ou não ser, ser mulher ou não ser.

A vida apresenta inúmeras oportunidades e cada ser humano constrói o seu viver, de acordo com as suas próprias escolhas. Porém, estar exposto às oportunidades também é um desafio e um aprendizado, pois as escolhas podem oferecer avanços, mas também retrocessos.

Ortega y Gasset afirma e apresenta a vida como algo a ser preenchido. A vida, para o filósofo, nos é oferecida vazia e cabe ao ser humano preencher com total liberdade, descobrindo novas possibilidades que se abrem a cada escolha feita e até nas

⁶⁵ HELENO, Gilberto. **O homem e o seu entorno: metafísica e antropologia, em José Ortega y Gasset**. Doutorado em Filosofia. São Paulo, 2017, p. 136.

que não são feitas. A existência humana nos é dada para preenchermos, pois não vem pronta. Ele afirma que “a vida é um o que fazer”.⁶⁶

Essa vida, com tantas possibilidades, torna a existência do homem e da mulher completamente diferente da existência das outras coisas que também apresentam vida. Por exemplo, o animal encontra um mundo traçado, sem nenhuma possibilidade de escolha. Porém, Ortega y Gasset mostra a realidade do homem e da mulher, como algo completamente distinto.

Para o homem, o mundo demonstra inúmeras possibilidades que podem ou não serem escolhidas. Essa visão faz Ortega y Gasset apresentar a vida como gerúndio.

O modo de ser da vida nem sequer como simples existência é ser já, posto que o único que nos é dado e que há quando há vida humana é ter que fazê-la, cada um a sua. A vida é um gerúndio e não um participio: um fazendo e não um fato.⁶⁷ (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 47)

A vida é, portanto, um *ir sendo*, um fazer vivo e concreto, um caminho que se faz todos os dias, como nos lembra o poeta espanhol Antonio Machado:

Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar
Ao andar se faz caminho
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar⁶⁸

Cada pessoa é um ser, não apenas um número, mas um indivíduo único e diferente de todos os outros que precisa refletir para fazer escolhas no *ir sendo*. Por isso, segundo Ortega y Gasset, o homem e a mulher precisam fazer escolhas, com total liberdade, mesmo escolhendo não escolher. Pois mesmo o ato de não escolher é uma opção para o homem e para a mulher. E a cada escolha uma nova pode ser abrir.

⁶⁶ ORTEGA Y GASSET, José. **Historia como sistema**. O.C., VI, Madrid: Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, 2006, p. 47

⁶⁷ Ibid, 2006, p. 65.

⁶⁸MACHADO, A. **Cantares**. In: Escritas.org. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/10543/cantares>. Acesso em: 28/11/2020.

Viver com as escolhas faz com que homens e mulheres criem o seu modo de existir. E a sua existência contribui na construção dos próximos momentos da vida, neste mundo e nesta realidade.

(...) esse mundo em que devo viver me permite escolher dentro dele este ou outro lugar onde estar, mas a ninguém é dado escolher o mundo em que se vive: é sempre este, este agora. Não podemos escolher o século, o dia ou a data em que vamos viver, ou o universo em que vamos nos mover.⁶⁹ (ORTEGA Y GASSET, 1973, p.160)

Conforme Ortega y Gasset, o ser humano vive a realidade dentro de uma conjuntura da própria existência. Homem e mulher constroem a sua existência, a partir de suas próprias experiências, em uma dialética histórica, que acontece no *ir sendo*, no viver.

Como a vida acontece nesse processo do “*ir sendo*”, o homem e a mulher não são, mas vivem. É no viver que a vida humana acontece. Como a vida humana se desenvolve no acontecimento, para Ortega y Gasset o homem e a mulher não possuem uma natureza em si, mas são um fazer constante.

Dessa forma, o filósofo “não adota as categorias fixas e imóveis do ser eleático⁷⁰ da filosofia grega para a vida do homem”⁷¹. O homem e a mulher não possuem essên-

⁶⁹ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1973, p. 160.

⁷⁰ Para os eleatas, a mudança seria essencialmente um processo através do qual algo que é deixa de ser, ou seja, uma passagem do ser ao não-ser. Segundo o pensamento eleático, o não-ser não pode ser pensado pela razão, visto que tudo o que é pensável é, de alguma forma, algo. Desse modo, conceber uma passagem ao não ser é um absurdo lógico e, assim, a ideia de mudança é algo que afronta o entendimento. Em outras palavras, o conceito de ser exige como atributo básico a estabilidade e a permanência. O eleatismo expunha assim um aparente conflito fundamental entre a percepção empírica e a compreensão racional, levando a uma negação da confiabilidade dos nossos sentidos como forma de apreensão da realidade: o mundo dos fenômenos, captados pelos nossos sentidos e que atestam permanentemente a ocorrência de mudanças, é uma ilusão, frontalmente contrária à razão. Disponível em: [https://www.scielo.-br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172013000400016](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172013000400016). Acesso em: 10/12/2020.

⁷¹ HELENO, Gilberto. **O homem e o seu entorno: metafísica e antropologia, em José Ortega y Gasset**. Doutorado em Filosofia. São Paulo, 2017, p. 141.

cia que o precede, mas precisa ser construído na existência, "vai sendo e des-sendo - vivendo".⁷²

A antropologia de Ortega y Gasset apresenta o homem passando por alteração e pelo ensimesmamento. Na alteração, homem e mulher se encontram perdidos na história. No ensimesmamento, eles mergulham dentro de si, para explorar o mundo. Sendo que o ensimesmamento é extremamente importante e fundamental, pois nele se avalia e se considera a próxima ação antes de executar.

Na alteração, o ser humano se recolhe em si mesmo para descobrir, para refletir e para decidir quais ações entre as possibilidades são reais. Até porque, segundo Maria Luiza Dantas "o homem que é si mesmo, não permite que seu ser se deixe passar por outro"⁷³.

O homem não se conversa e nem se transforma em outro. Ele é capaz de se alterar e de se retirar "do mundo" para se ensimesmar. No entendimento de Ortega y Gasset, somente o homem e a mulher são capazes de desligar-se do mundo circunstancial, para pensar em outras realidades que não estejam diretamente ligadas ao mundo.

O ser humano não é, mas passa a ser a cada momento, a cada experiência, a cada possibilidade. Todos vão construindo a própria identidade, no decorrer da vida. E por não serem fechados, nas alterações e nos ensimesmamentos, homens e mulheres sempre correm o risco de reconstruir, de desumanizar e de perder a sua individualidade.

Essa compreensão faz com que homem e mulher, para Ortega y Gasset, devam pensar para viver. Por isso, homem e mulher sempre estão observando o que acontece fora de si. O homem e a mulher pensam, refletem e analisam para viver. Eles precisam pensar o próximo passo e o próximo instante para realizar algo. Porém, não vivemos para pensar, mas ao contrário "nós pensamos para sobreviver"⁷⁴. O homem e a mulher

⁷² ORTEGA Y GASSET, José. **História como sistema**. O.C., VI, Madrid: Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, 2006, p. 66.

⁷³ DANTAS, Maria Luiza. **Concepção de vida como realidade radical – Ortega Y Gasset**. 2017. p. 30.

⁷⁴ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1973, p. 147.

vivem e também pensam para avaliar os próximos passos, mas não um pensar por pensar. Um pensar para considerar e avaliar as ações.

Ao nascer, o homem encontra, diante de si, um mundo que não está completamente pronto. Contudo, ao se encontrar, o homem precisa fazer algo. Carrega consigo a possibilidade de escolher e a necessidade de pensar e de criar. Ortega y Gasset afirmou que “viver é sentir-se fatalmente forçado a exercitar a liberdade, a decidir o que vamos ser neste mundo”.⁷⁵

Ao mesmo tempo, Ortega y Gasset também alerta que esse pensar pode oferecer um perigo de se perder. Perder-se de si ao viver de modo inautêntico, adulterado ou quase falso. Porém, o perder também pode, inclusive, nos tirar dos outros. Por isso é importante reavaliar, refazer e repensar as escolhas.

Calma! Qual é o significado deste imperativo? Simplesmente, convidando-nos a suspender por um momento a ação que ameaça nos alienar e nos fazer perder o juízo; suspender a ação por um momento, para nos reunir em nós mesmos, rever nossas idéias sobre a circunstância e forjar um plano estratégico.⁷⁶ (ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 147)

Entretanto, perder faz parte do processo trágico do homem e da mulher. Reencontrar-se é um privilégio. Perder-se, estar fora, pode ser algo positivo. Ortega y Gasset acredita ser algo constitutivo do homem. É importante perceber a oportunidade após se perder, pois pode voltar para se reencontrar e, por outro lado, perceber algo muito positivo nos movimentos de alterações, ao viver no mundo.

Ainda nesse processo, Ortega y Gasset acredita que estar no mundo também é encontrar a realidade da solidão. Pois a solidão se faz presente na vida humana, porque o homem se encontra num imenso universo, com todo seu conteúdo, infinitas coisas e “em meio delas o Homem, em sua realidade radical, está só, - só com elas e, como entre essas coisas, estão os outros seres humanos, está só com eles⁷⁷”.

Solidão que é um ficar só, recolher-se em si, para descobrir e para refletir quais ações serão escolhidas, entre todas as possibilidades. Até porque cada homem tem as

⁷⁵ Ibid, 1973, p. 102.

⁷⁶ Ibid, 1973, p. 155.

⁷⁷ Ibid, 1973, p. 87.

suas próprias escolhas e não deve se converter em outro. O que torna a solidão um lugar para encontrar respostas para o viver. Como afirmou Maria Luiza Dantas “na solidão, o ser humano precisa encontrar respostas para sua existência”.⁷⁸

O ser humano lida com a solidão e com o estar só. Porém, viver no mundo, estar no mundo, também faz com que homem e mulher encontrem oportunidades para preencher a solidão, por meio de suas escolhas, suas amizades, suas redes de relacionamentos e até suas relações amorosas.

Assim, Ortega y Gasset enxerga e considera homem e mulher como um evento “social”:

Vemos, então, contra toda filosofia idealista e solipsista⁷⁹, que nossa vida põe esses dois termos com o mesmo valor de realidade: o alguém, o X, o Homem que vive e o mundo, contorno ou circunstância em que tem, queira ou não, viver. Nesse mundo, contorno ou circunstância é onde devemos procurar uma realidade que com todo o rigor, diferenciando-nos de todas as outras, podemos e devemos chamar de ‘social’⁸⁰. (ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 166)

Dessa forma, Ortega y Gasset inclui o outro que está em total relação com o nosso próprio “eu”. Ao abrir espaço em nossa vida, oferecemos lugar que o outro encontre.

2.2 O OUTRO

⁷⁸ DANTAS, Maria Luiza. **Concepção de vida como realidade radical – Ortega y Gasset**. 2017, p. 8.

⁷⁹ Solipsismo. A crença de que, além de nós, só existem as nossas experiências. O solipsismo é a consequência extrema de se acreditar que o conhecimento deve estar fundado em estados de experiências anteriores e pessoais e de não se conseguir encontrar uma ponte pela qual esses estados nos deem a conhecer alguma coisa que esteja além deles. O solipsismo do momento presente estende este ceticismo aos nossos próprios estados passados, de tal modo que tudo o que resta é o eu presente. Russell conta-nos que conheceu uma mulher que se dizia solipsista e que estava espantada por não existirem mais pessoas como ela. Disponível em: <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/solipsismo>. Acesso em: 10/12/2020

⁸⁰ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1973, p. 166.

O outro existe, independente de nossas escolhas. Ele existe. Ela existe. E só é possível afirmar a existência do “outro” na relação existente.

Mario de Sá-Carneiro (1995) , poeta português, afirmou

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro⁸¹.

Todo homem e toda mulher vive em uma relação com outro um. Cada um nasce para um mundo de relações com outros homens e mulheres, porque não existe um mundo apenas de objetos para homens e mulheres. O mundo é feito de outros seres humanos.

Isso quer dizer que o aparecimento do Outro é um fato que sempre fica por trás de nossa vida, pois quando nos surpreendemos pela primeira vez vivendo, já estamos, não só com os outros e no meio deles, mas também acostumados a eles⁸². (ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 207)

Segundo Eric Landowski, para que o mundo faça sentido, é preciso que ele apareça em um sistema de relações, formado por oposições. Somente percebendo, aceitando e reconhecendo a presença de uma diferença há a possibilidade de constituir, como unidades discretas e significantes, as grandezas consideradas e vincular a elas princípios existenciais e propostas relacionais. O sociólogo francês apresenta o mundo e as suas relações como um jogo de opostos, de relação entre diferenças, em que se constituem os valores que perpetuam tensões entre os desiguais. Da mesma forma, o homem é forçado a se construir pela diferença e necessita de um “outro”, que o define.

O que dá forma a minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro, atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. Assim, quer a encaremos no plano da vivência individual ou como será o caso aqui – da

⁸¹ SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995, p. 82.

⁸² ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1973, p. 207.

consciência coletiva, a emergência do sentimento de “identidade” parece passar necessariamente pela intermediação de uma “alteridade” a ser construída⁸³. (LANDOWSKI, 2002, p. 4)

Para Ortega y Gasset, embora o outro seja um não eu, pois a sua intimidade é completamente pessoal e impenetrável, o outro existe. E além de existir, todos precisam se relacionar com os outros para tomar consciência do seu próprio “eu”. Para o filósofo “antes de cada um de nós dar conta de si mesmo, já tínhamos a experiência básica de que existem aqueles que não são ‘eu’, os outros (...)”⁸⁴.

Em primeiro lugar abrir-se ao outro é a coexistência, “matriz de todas as possibilidades ‘relações sociais’”⁸⁵. Diferente do que normalmente encontramos, a relação com o outro não se inicia em um vínculo de postura moral que até poderá aparecer em seguida. Porém, o que se tem em primeiro é a coexistência. “Todo viver é ocupar-se com o outro que não é ele mesmo, todo viver é conviver...”⁸⁶.

Mesmo com a coexistência o outro é apenas uma abstração. Mas que, ainda assim, é possível estabelecer uma relação e construir com o outro um mundo onde existam acordos e questões em comum.

Nessas relações, o outro tem um papel de fundamental importância na construção do mundo. Para Ortega y Gasset, o mundo vai sendo construído com o outro. “A imagem de um mundo que, não sendo só meu nem só teu, mas, em princípio, de todos, será o mundo”⁸⁷.

Ortega y Gasset acredita que as relações são responsáveis pela construção do mundo. Relações em que os dois lados contribuem, eu e o outro. Não uma relação passiva, mas ativa, sempre com o outro, em uma relação com o outro.

⁸³ LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 4.

⁸⁴ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1973, p. 207.

⁸⁵ Ibid, 1973, p. 207.

⁸⁶ ORTEGA Y GASSET, José. **O que é Filosofia**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1971, p. 167.

⁸⁷ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1973, p. 208.

Trata-se de relações que oferecem a possibilidade de se construir algo em comum e também oferecem o que, para Ortega y Gasset, é uma relação social. Ao desenvolver relações, o homem deixa de se relacionar com o outro para encontrar o “tu”. Dessa forma, o filósofo apresenta o fundamento da sociologia por meio de sua descoberta metafísica da vida, como realidade radical. O encontro do eu próprio e o eu do outro, o encontro de dois “eus”.

Temos, pois, uma realidade nova e sui generis, inconfundível com qualquer outra, a saber: uma ação em que intervêm dois agentes dela - eu e o outro -, uma ação na qual o outro está inserido, interpenetrado e envolvido o que é, portanto, interação. Minha ação é, portanto, social, com este sentido da palavra, quando conto nela a eventual reciprocidade do Outro⁸⁸. (ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 234)

O ser humano se encontra com o outro e estabelece uma relação do eu com o outro. Esse encontro entre homens e mulheres Ortega y Gasset define como sociedade e afirma, ainda, que estar em relação social é estar em uma relação com o outro e esperar uma intervenção que pode ser de um potencial amigo, mas até mesmo de um potencial inimigo.

O outro oferece segurança com a sua amizade, mas ao mesmo tempo pode oferecer risco e perigo com a sua maldade. O “eu” apenas e tão somente não encontra ameaças, mas junto com os outros existem riscos. Além disso, a presença do outro pode criar uma relação de intimidade ou, como Ortega y Gasset define, uma copresença, “intimidade não é nunca presença, mas é copresença, como é o lado da maçã que não vemos⁸⁹”. E a intimidade do outro se faz copresente.

Na copresença de Ortega y Gasset existe a raiz da relação social, da sociologia, “que o homem seja amigo ou inimigo, que pro-seja ou nos contra-seja, é a raiz de todo o social⁹⁰”. Enfim, é na relação do eu com o outro que surge a possibilidade de algo extremamente positivo ou negativo.

⁸⁸ Ibid, 1973, p. 234.

⁸⁹ Ibid, 1973, p. 194.

⁹⁰ Ibid, 1973, p. 241.

Socialidade, sociabilidade significa estar com os outros numa relação social, mas 'relação social', já disse, é igualmente que uma mulher bonita me dê um beijo, que delícia!, Ou que um transeunte malvado me esfaqueie, que chato!⁹¹ (ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 242)

Diante da realidade da possibilidade do positivo ou negativo, Ortega y Gasset também apresenta a realidade, quando a sociedade é agressiva ao homem. Ele chama essa realidade de “dissociedade”, em que o outro torna-se um perigo não por alguma maldade, mas pela falta de conhecimento. Perigo, porque do outro nada se sabe. Para saber é necessário estabelecer uma relação.

Nesse tipo de interação, sempre queremos ou acreditamos que precisamos saber, em primeiro lugar, quem são os bons e quem são os maus. Não queremos estabelecer relacionamentos com aqueles definidos como maldosos. Em alguns momentos da guerra, pareceu fácil identificar os lados. Nas guerras, nas lutas e nos conflitos, identificamos facilmente as vítimas e os inimigos. Porém, atualmente, as situações não estão tão simples. Não existe apenas uma luta entre o bem o mal.

Amós Os, escritor israelense, ao comentar sobre esses conflitos, especialmente o conflito palestino-israelense, afirmou que vivemos em uma “tragédia”⁹².

Vejo-o, antes, como uma tragédia, no sentido antigo e mais preciso da palavra “tragédia”: um choque entre certo e certo, entre uma reivindicação muito poderosa, muito profunda, muito convincente, e uma outra reivindicação muito diferente, mas não menos convincente, não menos poderosa, não menos humana⁹³. (AMÓS, 2004, p. 46)

Relacionar-se é estar em contato com o outro e estar diante da possibilidade do positivo e também do negativo. Nem sempre é possível definir quem está de cada lado e essa dificuldade não se resolve apenas com o que conhecemos como amor. Não basta amar o outro. É necessário reconhecer que precisamos de outras virtudes para estabelecer, para manter e para fortalecer as relações.

⁹¹ Ibid, 1973, p. 242.

⁹² OZ, Amós. **Contra o fanatismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 46.

⁹³ Ibid, 2004, p. 46.

Precisamos de um senso de justiça, mas precisamos também de senso comum, de imaginação, uma capacidade profunda de imaginar o outro, às vezes de nos colocarmos na pele do outro. Precisamos da capacidade racional de nos comprometer e, às vezes, de fazer sacrifícios e concessões...⁹⁴ (AMÓS, 2004, p. 53)

Por meio das relações, o homem e a mulher aprendem a desenvolver senso de justiça, a imaginar e a reconhecer o outro. Além de lidar com os outros, aprende os limites e respeita as diferenças. Dessa forma, essa relação resgata todo homem e toda mulher da solidão ontológica constitutiva.

Das profundezas da solidão radical que é propriamente nossas vidas, praticamos, repetidamente, uma tentativa de interpenetração, de ficar desolados, ao olhar para o outro ser humano, querendo dar-lhe a nossa vida e receber a sua⁹⁵. (ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 242)

Ortega y Gasset menciona sobre dar a vida o que inclui o amor nas relações. Apesar de o amor não ser a única virtude para os problemas, as relações e a convivência, Ortega y Gasset afirma que amar gera conexão e estabelece as relações com as pessoas. Amor que integra e que liga as relações e que se opõe ao ódio que afasta e separa.

O amor pode, inclusive, nos livrar da tendência de estabelecer relações utilitárias. Praticamente todas as coisas que estão no mundo se relacionam de maneira utilitária. Porém, as relações com os outros jamais poderão ser estabelecidas dessa forma.

Ortega procura qualificar a relação “eu” e “outro”, valendo-se da conexão que somente um sentimento como o amor pode executar. O ódio desconecta e cria equívocos nas relações sociais, levando à barbárie espiritual, ao ressentimento e ao rancor, atitudes típicas do homem-massa⁹⁶. (HELENO, 2017, p. 151)

⁹⁴ Ibid, 2004, p. 53.

⁹⁵ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1973, p. 195.

⁹⁶ HELENO, Gilberto. **O homem e o seu entorno**: metafísica e antropologia, em José Ortega y Gasset. Doutorado em Filosofia. São Paulo, 2017, p. 151.

Além disso, segundo Frei Betto é necessário ser capaz de lidar com as diferenças e abrir mão do desejo de ensinar o outro. Muitas vezes, a primeira reação ou tendência é acreditar que sabemos ou pelo menos temos mais conhecimento diferentemente dos outros. Porém, o escritor, teólogo e jornalista, apresenta a importância de abrir mão do colonialismo para perceber o outro exatamente como é, respeitando as possíveis diferenças.

ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem. A nossa tendência é colonizar o outro, a partir do princípio de que eu sei e ensino para ele – ‘ele não sabe; eu sei melhor e sei mais do que ele’⁹⁷.

Não pensar no outro, não estabelecer relação com o outro e viver em crise com os outros é amplamente apresentado e visível no homem-massa que Ortega y Gasset propõe a ideia de viver e pensar.

2.3 HOMEM-MASSA

Ortega y Gasset afirma que o homem-massa não se refere a classes sociais nem às classes trabalhadoras, mas a uma forma de ser, uma postura no mundo.

Por “massa” (...) não se entende especialmente o operário; não se designa aqui uma classe social, mas uma classe ou um modo de ser homem que ocorre hoje em todas as classes sociais...⁹⁸. (ESCÁMEZ SÁNCHEZ, 2010. p.102)

Massa é um modo de vida, um jeito de ser homem e mulher, mas que se apresenta em todos os grupos, em todas as classes, em todos os ambientes. O homem-massa

(...) é todo aquele que não atribui a si mesmo um valor - bom ou mau - por razões especiais, mas que se sente “como todo mundo” e, certa-

⁹⁷ FREI BETTO. **Alteridade**. Disponível em: <https://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/24-alteridade>. Acesso em: 10/10/2020.

⁹⁸ ESCÁMEZ SÁNCHEZ, Juan. **Ortega y Gasset**. Recife, Editora Massangana. 2010, p.102.

mente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais.⁹⁹ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 45)

Ortega y Gasset desenvolve o conceito de que massa não é um grupo, mas sim pessoas, homens e mulheres, que aceitam ser mais um. Homens e mulheres que não buscam algo novo e não se estimulam a mudar, a crescer e a transformar. O filósofo também apresenta alguns outros traços e característica da massa:

... no diagrama psicológico do homem-massa atual, dois primeiros traços: a livre expansão de seus desejos vitais, portanto, de sua pessoa, e a radical ingratidão para com tudo que tornou possível a facilidade de sua existência. Essas duas características compõem a conhecida psicologia de criança mimada.¹⁰⁰ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 89)

Homens e mulheres que também desejam viver uma possível liberdade como lhe agrada, independente de todos os outros e das possíveis relações. Pessoas que escolhem ignorar a existência de outras pessoas a sua volta, para ter apenas as suas escolhas, as suas vontades e os seus desejos.

Os homens e as mulheres classificadas como massa também escolhem viver sem reconhecer ou sem agradecer, sem gratidão ou contentamento com tudo e com todos os que contribuem para a sua vida.

... a própria perfeição com que o século XIX organizou certas esferas da vida é a origem do fato de que as massas beneficiárias não a considerem como organização, mas como natureza. Assim se explica e se define o absurdo do estado de ânimo que essas massas revelam: não se preocupam como nada além de seu bem-estar e ao mesmo tempo não são solidárias com as causas desse bem-estar. Como não veem nas vantagens da civilização uma invenção e uma construção prodigiosas, que só podem ser mantidas com grandes esforços e cuidados, acham que seu papel se resume em exigí-las peremptoriamente, como se fossem direitos naturais.¹⁰¹ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 90 e 91)

⁹⁹ ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1962, p. 45.

¹⁰⁰ Ibid, 1962, p. 89.

¹⁰¹ Ibid, 1962, p. 90 e 91.

No entendimento de Ortega y Gasset constituem as massas aqueles que se importam apenas com o seu próprio prazer e com a sua própria vida. Justamente por isso não reconhecem valor na civilização e nas próprias relações humanas. Massas que por não encontrarem vantagens nas relações, passam a ignorá-las e até mesmo a destruí-las. De acordo com Ortega y Gasset, essas pessoas não são solidárias, não enxergam benefícios nas relações pessoais e se preocupam apenas e tão somente com as próprias vidas.

O homem-massa jamais teria apelado para qualquer coisa fora dele, se a circunstância não o tivesse forçado violentamente a isso. Como as circunstâncias atuais não o obrigam, o eterno homem-massa, de acordo com a sua índole, deixa de apelar e se sente senhor da vida.¹⁰² (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 95)

As pessoas que fazem parte da massa apenas enxergam os outros e se relacionam por uma necessidade, ou melhor, por algum motivo que o obrigue a sair do seu bem-estar. Até porque essas pessoas se consideram completas e perfeitas.

O homem-massa sente-se perfeito. Um homem excepcional, para sentir-se perfeito, precisa ser especialmente vaidoso, e a crença na sua perfeição não está consubstancialmente unida a ele, não é ingênua, mas nasce de sua vaidade, e mesmo para ele próprio tem um caráter fictício, imaginário e problemático. Por isso o vaidoso precisa dos outros, procura neles a confirmação da ideia que quer ter de si mesmo. De sorte que nem dessa forma patológica, nem “cego” pela vaidade, o homem nobre consegue se sentir verdadeiramente completo. Já o homem medíocre de nossos dias, o novo Adão, nem pensa em duvidar de sua própria plenitude. Sua confiança em si é como a de Adão, paradisíaca. O hermetismo nato de sua alma impede o que seria a condição prévia para descobrir sua insuficiência: comparar-se com os outros seres. Comparar-se seria sair um pouco de si mesmo e transferir-se para o próximo. Mas a alma medíocre é incapaz de transmigrações - de grande porte.¹⁰³ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 102)

Os homens-massa se consideram perfeitos e não conseguem nem duvidar de sua perfeição ou sua plenitude. Não conseguem se comparar com os outros, nem mesmo enxergar os outros, por isso não saem de si para se transferir e muito menos para se relacionar com o próximo.

¹⁰² Ibid, 1962, p. 95.

¹⁰³ Ibid, 1962, p. 102.

É possível perceber, que para Ortega y Gasset, o novo Adão apresentado não apenas se encontrava no seu tempo, na sua Espanha. Percebe-se esse perfil em homens e mulheres que não conseguem se imaginar como parte de um todo, como igual, limitado e depende do outro. Essas pessoas não conseguem reconhecer que não são senhores de tudo e de todos.

Ortega y Gasset apresenta outra característica da massa que é a capacidade de acumular conhecimento em seu interior, mas sem colocar em prática ou sem oferecer a ninguém.

Não é que o homem-massa seja idiota. Ao contrário, o atual é mais rápido, tem mais capacidade intelectual que o de qualquer outra época. Mas essa capacidade não lhe serve para nada; a rigor, a vaga sensação de possuí-la só serve para ele fechar-se ainda mais em si, e não para usá-la. Consagra definitivamente a coleção de tópicos, preconceitos, pedaços de ideias ou, simplesmente, palavras vazias que ao acaso foi amontoando em seu interior, e, com uma audácia que só se explica pela ignorância, quer impô-los em qualquer lugar.¹⁰⁴ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 103)

Pessoas massas não são ignorantes nem mesmo ingênuas. A massa busca conhecimento, armazena informações para determinar e ditar um único jeito de ser, uma única forma e um único grupo.

Percebe-se uma postura praticamente idêntica à do Fascismo. De acordo com Jason Stanley o Fascismo é “originalmente, regime de cunho ideológico, estabelecido pelo ditador Benito Mussolini, na Itália da década de 1920, que valoriza ideais de nação e de raça, em detrimento dos valores individuais e é representado por um líder autoritário”.¹⁰⁵

Entre as espécies de sindicalismo e fascismo aparece pela primeira vez na Europa um tipo de homem que não quer dar razão nem quer ter razão, mas que, simplesmente, mostra-se decidido a impor suas opiniões. Aqui está o novo: o direito a não ter razão, a razão da sem razão. Vejo nisso a manifestação mais inequívoco do novo modo de ser das massas, por ter se decidido a dirigir a sociedade sem ter capacidade para isso. Na sua conduta política, a estrutura da alma nova revela-se da ma-

¹⁰⁴ Ibid, 1962, p. 103.

¹⁰⁵ STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”**. São Paulo, 2018.

neira mais crua e contundente, mas a chave está no hermetismo intelectual. O homem médio tem "idéias" dentro de si, mas carece da função de idear. Nem sequer suspeita de qual é o elemento sutilíssimo em que vivem as idéias. Quer opinar, mas não quer aceitar as condições e pressupostos de todo ato de opinar. Esse é o motivo de suas "idéias" serem efetivamente apenas desejos com palavras, como os romances musicais.

Ter uma idéia é crer que se possui as razões dela e é, portanto, crer que existe uma razão, um mundo de verdades inteligíveis. Idear, opinar, é a mesma coisa que apelar para essa instância, submeter-se a ela, aceitar seu código e sua sentença, crer, portanto, que a forma superior de convivência é o diálogo em que se discutem as razões de nossas idéias. Mas o homem-massa sentir-se-ia perdido se aceitasse a discussão, e instintivamente rejeita a obrigação de acatar essa instância suprema que se acha fora dele.¹⁰⁶ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 106)

Atualmente, alguns estudiosos acreditam não ser possível afirmar que vivemos uma época de Fascismo e de fascistas. Por outro lado, muitos outros estudiosos afirmam encontrar sinais de Fascismo, o que também nos apresentam sinais do homem-massa no nosso tempo.

A diplomata e acadêmica americana Madeleine Albright escreveu um livro para alertar contra o Fascismo nos dias de hoje. A autora apresenta semelhanças do movimento autoritário surgido no início do século 20 que forjou Benito Mussolini, na Itália, e Adolf Hitler, com sua versão alemã, o nazismo. Para a autora "Líderes ao redor do mundo observam, aprendem e copiam de outros líderes. Eles caminham sobre as pegadas dos outros, como Hitler fez com Mussolini – e hoje o rebanho está andando em direção ao fascismo."¹⁰⁷

Ortega y Gasset, além de apresentar a massa com uma postura similar ao Fascismo, também se referiu ao bolchevismo¹⁰⁸.

¹⁰⁶ ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1962, p. 106.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://exame.com/mundo/um-alerta-contra-o-fascismo-nos-dias-de-hoje/>. Acesso em: 13/12/2020

¹⁰⁸ Maximalista seria uma das traduções possíveis para o português do termo "bolchevista", maioria em russo, devido a este grupo ter se constituído na fração majoritária do Congresso do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR) em 1903. Este grupo se tornou a ala mais radical do marxismo russo, contrapondo-se aos mencheviques, a minoria. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-50492016000600235. Acesso em: 17/08/2020

... o *bolchevismo* e o *fascismo*, as duas “novas” propostas políticas que estão surgindo na Europa e arredores, são dois claros exemplos de regressão substancial; não tanto pelo conteúdo positivo de suas doutrinas [...], como pela maneira anti-histórica, anacrônica, com que tratam sua parte de razão. Movimentos típicos de homens-massa, dirigidos, como todos que o são, por homens medíocres, extemporâneos e sem grande memória, sem “consciência histórica”, que se comportam como se já tivessem passado, como se acontecendo neste momento pertencessem à fauna de antanho.¹⁰⁹ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 125)

Esse homem-massa representa, para Ortega y Gasset, o novo ator que tomou o poder e que decidiu governar, mas que por não ter capacidade, abriu mão do diálogo, da convivência e da construção pacífica e escolheu a violência, a agressão e a agressividade.

Ter uma ideia é crer que se possuem as razões dela, e é, portanto, crer que existe uma razão, uma orbe de verdades inteligíveis. Idear, opinar, é a mesma coisa que apelar a tal instância, sujeitar-se a ela, aceitar o seu código e a sua sentença, crer, portanto, que o diálogo em que se discutem as razões das nossas ideias é a forma superior da convivência. Mas o homem-massa sentir-se-ia perdido, se aceitasse a discussão e, instintivamente, repudia a obrigação de acatar essa instância suprema que se situa fora dele. Por isso, o 'novo' na Europa é 'acabar com as discussões', e detesta-se qualquer forma de convivência que implique, por si mesma, acatamento de normais objetivas, desde a conversa no parlamento, passando pela ciência. Isto quer dizer que se renuncia à convivência de cultura, que é uma convivência sob normas, e se retrocede a uma convivência bárbara¹¹⁰. (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 85)

O oposto da violência, para Ortega y Gasset, poderia ser encontrado na essência do homem europeu, a liberdade exaltado no liberalismo. Enquanto a barbárie é uma proposta de dissociação, a democracia liberal oferece “a mais alta vontade de convivência”.¹¹¹

A barbárie é tendência à dissociação. E assim todas as épocas bárbaras têm sido tempo de espalhamento humano, população de mínimos grupos separados e hostis.

¹⁰⁹ ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1962. p. 125.

¹¹⁰ Ibid, 1962, p. 85.

¹¹¹ Ibid, 1962, p. 87.

A forma que na política representou a mais alta vontade de convivência é a democracia liberal. Ela leva ao extremo a resolução de contar com o próximo e é protótipo da "ação indireta". O liberalismo é o princípio de direito político segundo o qual o Poder público, não obstante ser onipotente, limita-se a si mesmo e procura, ainda à sua custa, deixar espaço no Estado que ele impera para que possam viver os que nem pensam nem sentem como ele, quer dizer, como os mais fortes, como a maioria. O liberalismo - convém hoje recordar isto - é a suprema generosidade: é o direito que a maioria outorga à minoria e é, portanto, o mais nobre grito que soou no planeta. Proclama a decisão de conviver com o inimigo; mais ainda, com o inimigo débil. Era inverossímil que a espécie humana houvesse chegado a uma coisa tão bonita, tão paradoxal, tão elegante, tão acrobática, tão antinatural. Por isso, não deve surpreender que tão rapidamente pareça essa mesma espécie decidida a abandoná-la. E um exercício demasiado difícil e complicado para que se consolide na terra. Conviver com o inimigo! Governar com a oposição!¹¹² (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 87)

Nessa proposta política, a convivência, o diálogo e a aceitação ao outro fazem parte das normas, sem violência, mas com a expressão usada por Ortega y Gasset, a “suprema generosidade”, em contraposição à força, à barbárie e à incivilidade. Uma proposta cuja maioria oferece aos invisíveis, aos rejeitados e aos esquecidos o direito à convivência, às escolhas, à governabilidade e à vida.

Sobre o liberalismo em oposição à barbárie do homem-massa, Ortega y Gasset afirma que:

Trâmites, normas, cortesia, usos intermediários, justiça, razão! Para que inventar tudo isso, criar tanta complicação? Tudo isso se resume na palavra ‘civilização’ que, ao través da ideia de civis - o cidadão - descobre a própria origem. Trata-se com tudo isso de tornar possível a cidade, a comunidade, a convivência. Por isso, se olharmos por dentro, cada um desses apetrechos da civilização que acabo de enumerar, acharemos em todos uma mesma entranha. Todos, com efeito, pressupõem o desejo radical e progressivo de cada pessoa contar com as outras. Civilização é, antes de mais nada, vontade de convivência. É-se incivil e bárbaro, na medida em que não se conte com os outros. A barbárie é tendência à dissociação. E assim todas as épocas bárbaras foram tempos de esbanjamento humano, população de grupos diminutos separados e hostis¹¹³ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 86 e 87)

Para Ortega y Gasset, o homem-massa precisa reconhecer e deixar de ser massa e se relacionar com todos, inclusive com as minorias.

¹¹² Ibid, 1962, p. 87.

¹¹³ Ibid, 1962, p. 86 e 87.

2.4 MENINOS MIMADOS E ESPECIALISTAS

Em 1926, Ortega y Gasset afirmou que o homem-massa assumiu o controle da sociedade pela primeira vez na Europa, com sua estrutura psicológica e sua percepção de que a existência humana não necessitava mais de esforço para ser praticada, pois todos os limites já haviam sido superados e, também por isso, esse homem encontrava-se completo, inclusive intelectualmente e moralmente, o que não exigia um cuidado em escutar nada que não fosse seu.

Esse homem que sempre havia sido deixado de lado e apenas obedecia a regras e a leis agora estava liderando a Europa e agindo como havia percebido nos fenômenos do sindicalismo francês e do Fascismo italiano - “este personagem, que agora nada por estas partes e impõe em toda a parte a sua barbárie íntima, é, com efeito, o menino mimado da história humana¹¹⁴”.

O menino mimado, descrito por Ortega y Gasset, “é o herdeiro que se comporta exclusivamente como herdeiro¹¹⁵”, querendo “impor sua barbárie íntima”. Não consegue ouvir o outro, até porque nem ao menos consegue enxergar o outro. Essa pessoa denominada como “menino mimado” não apenas se sente livre para colocar em prática a sua barbárie pessoal, o que significa a ausência de norma e de uma possível apelação, mas também ignora, não escuta e nem ao menos enxerga o outro, as relações e os seus relacionamentos.

... é um homem que nasceu para fazer o que lhe dá vontade. De fato, esta é a mesma forma com que o “filho de família” se ilude. E já sabemos por quê: no âmbito familiar, no fim, tudo fica impune, até os maiores delitos. O âmbito familiar é relativamente artificial e tolera dentro dele muitos atos que na sociedade, nas ruas, trariam automaticamente consequências desastrosas e indubitáveis para seu autor. Mas o “senhorzinho” pensa que pode se comportar em qualquer lugar como em sua casa, pensa que nada é fatal, irremediável e irrevogável. Por isso, acha

¹¹⁴ Ibid, 1962, p. 103.

¹¹⁵ Ibid, 1962, p. 103.

que pode fazer tudo o que tem vontade. Grande equívoco!¹¹⁶. (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 134)

O “menino mimado” apresentado por Ortega y Gasset acredita que pode fazer tudo o que tem vontade, em qualquer lugar, considerando estar na sua própria casa. Por ter nascido tendo total liberdade e sendo estimulado para viver de qualquer forma na sua casa, essas pessoas acreditam que podem viver ou passam a viver dessa mesma forma em todas as relações, inclusive excluindo relações, destruindo relações e gerando crises nas relações.

O “senhorzinho satisfeito” caracteriza-se por “saber” que certas coisas não podem ser e, apesar disso, e por isso mesmo, finge uma convicção contrária com seus atos e palavras. O fascista se mobilizará contra a liberdade política, justamente porque sabe que, no fim e a sério, esta nunca faltará, mas existe, irremediavelmente, na própria substância da vida européia, e que nela se recairá sempre que faltar a verdade, na hora da seriedade. Porque esta é a tônica da existência do homem-massa: a falta de seriedade, a “brincadeira”. O que fazem não tem caráter irrevogável, como as travessuras do “filho mimado”. Todo esse afã em adotar atitudes aparentemente trágicas, últimas, taxativas, em todos os campos, é só aparência. Brincam com a tragédia porque acham que a tragédia efetiva não é verossímil no mundo civilizado.¹¹⁷ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p.137)

Assim como as características do homem-massa, as características do “menino mimado” mostram uma grande brincadeira com a tragédia, por apresentar a vida sendo uma grande brincadeira. Características de homens e de mulheres que, por uma suposta liberdade, vivem do jeito que entendem ser o melhor para eles, excluindo e destruindo os outros, as relações e as vidas.

Além disso, Ortega y Gasset também apresenta o especialista que é aquele que sabe muito bem uma pequena parte, mas desconhece por completo todo o resto.

... é este o comportamento do especialista. Em política, em arte, nos usos sociais, nas outras ciências, tomará posições de primitivo, de ignorantíssimo; mas toma-las-á com energia e suficiência, sem admitir - e isto é que é paradoxal - especialistas dessas coisas. Ao especializá-lo, a civilização fê-lo hermético e satisfeito dentro das suas limitações; mas esta mesma sensação íntima de domínio e valia leva-lo-á a querer pre-

¹¹⁶ Ibid, 1962, p. 134.

¹¹⁷ Ibid, 1962, p. 137.

dominar fora da sua especialidade¹¹⁸. (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 114)

Antes dos anos 20, do século XX, o fenômeno do especialismo já vinha sendo criticado, mas Ortega y Gasset acrescentou um problema ainda maior, ao mostrar como o homem moderno se tornou um especialista em sua área de conhecimento, assumindo uma postura de segurança em todos os debates e em todas as discussões, mesmo sem nada saber.

Quem quiser pode observar a estupidez com que os “homens de ciência” pensam, julgam e atuam hoje em política, em arte, em religião e nos problemas gerais da vida e do mundo e, é claro, após eles, médicos, engenheiros, financeiros, professores, etc. Essa condição de “não ouvir”, de não submeter-se a instâncias superiores que reiteradamente apresentei como característica do homem-massa, chega ao cúmulo precisamente nestes homens parcialmente qualificados. Eles simbolizam, e em grande parte, constituem, o império atual das massas, e a sua barbárie é a causa mais imediata da desmoralização europeia¹¹⁹ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 114)

O especialista, para Ortega y Gasset, é um homem ignorante e conhecedor, alguém que transita entre a ignorância e o conhecimento. Um homem que, por sua especialidade, constrói idéias radicais sobre o mundo e todas as questões e não consegue escutar ninguém além da sua própria e única opinião. Em sociedades em que a violência é a norma, em que o convívio com os outros por meio do diálogo é a última opção, nem sempre as relações são cultivadas, até porque nem mesmo a escuta tem espaço, pois só cabe o julgamento e a sentença.

2.5 NACIONALISMO

O sentimento nacional é frequentemente associado à Revolução Francesa, mas este constitui um dos mais antigos sentimentos da humanidade. No sentido mais amplo, a palavra *nacionalismo* designa a atitude mental que confere à nação um alto posto na

¹¹⁸ Ibid, 1962, p. 114.

¹¹⁹ Ibid, 1962, p. 114.

hierarquia de valores. Dá-se muita importância ao conceito de nação, a custa de outros valores.

Ainda para o autor, o nacionalismo era um fenômeno improdutivo para a Europa. Ele notava que, depois de séculos de domínio sobre o mundo, a Europa deixara de ocupar essa posição, sem que lhe houvesse um substituto.

Os Estados Unidos não eram uma alternativa possível, porque, para o filósofo, eram uma cópia além-mar de todas as idéias, princípios e valores europeus dos séculos passados, e não uma invenção autóctone. O enfraquecimento europeu, segundo ele, era consequência justamente do crescimento dos sentimentos nacionais nos países do continente que, fortes como nunca, bloqueavam uma união que poderia promover a restauração do poder da Europa sobre o globo.¹²⁰

Ortega y Gasset acredita que o grande problema no nacionalismo era a interpretação de Estado. Ao contrário de outros grupos e de outras organizações, o nacionalismo depende da convivência de homens diferentes, com base em um objetivo comum e da adesão de todos e de todas nesse projeto, porque o Estado é um convite para homens e mulheres olharem para o futuro e, juntos, executarem um empreendimento comum ou, como definiu Ortega y Gasset, uma empresa. Esse empreendimento tem como objetivo organizar um estilo de vida em comum.

O Estado é sempre, qualquer que seja sua forma - primitiva, antiga, medieval ou moderna -, o convite que um grupo de homens faz a outros grupos humanos para juntos executar uma empresa. Esta empresa, quaisquer que sejam seus trâmites intermediários, consiste, finalmente, em organizar certo tipo de vida comum. Estado e projeto de vida, programa de ação ou conduta humanos são termos inseparáveis. As diferentes classes de Estado nascem das maneiras segundo as quais o grupo empresário estabeleça a colaboração com os outros.¹²¹ (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 88)

Antigamente essas empresas conseguiam submeter à unidade de soberania qualquer outro povo ou nação. Como não existia unidade autêntica, o conquistador su-

¹²⁰ VINICIUS MENDES. **Três argumentos de José Ortega y Gasset contra a direita brasileira – que o cultua**. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/jose-ortega-y-gasset/>. Acesso em: 26/09/2020.

¹²¹ ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1962, p. 88.

jeitava os outros grupos a partir da sua força, de seu poder e de seus armamentos. Já na Europa o processo foi bem distinto, por não existir nenhum grande império.

Na Europa, o processo criador de nações ofereceu ao Estado o poder para unificar vários povos em uma unidade de convivência política e moral. Em um primeiro momento sobre os grupos mais próximos geograficamente, etnicamente e linguisticamente. Para Ortega y Gasset, "não porque esta proximidade funde a nação, mas porque a diversidade entre próximos é mais fácil de dominar"¹²². Após um período de ajustes e de consolidação, quando os povos enxergam-se como quase inimigos, surge o processo de exclusivismo e de fechamento dentro do Estado. O que hoje se apresenta como nacionalismo. Por fim, os inimigos vão tornando-se homogêneos e o Estado chega a uma consolidação na construção de algo em comum.

Povos que até então eram inimigos e distantes formam um círculo nacional, com a ideia de que são unidos pelos interesses e pela moral, uma vez que o Estado é sempre um convite para que algumas pessoas executem, juntas, um empreendimento que organiza uma vida em comum. Nesse projeto de empreendimento comum, "raça, sangue, adscrição geográfica, classe social, ficam em segundo lugar"¹²³.

O Estado não se forma com pessoas comuns da mesma raça, idioma ou credo, mas exatamente o contrário. O Estado é edificado com um projeto comum e pessoas diferentes que aceitam conviver e superar as diferenças.

Porém, as separações entre "nós" e "eles" também apresentam a tentativa de delimitar um território não com diferentes, mas entre iguais que querem regras exclusivas e proteção contra os outros e as outras.

Segundo Zygmunt Bauman a busca para se viver em seu "próprio país"¹²⁴ se tornou um processo de hegemonia cultural.

A expressão indica sutil mas eficaz processo, visando a garantir o monopólio das normas e dos valores sobre os quais se erigem ordens particulares. A partir disso, a cultura pode se transformar em atividade de

¹²² Ibid, 1962, p. 91.

¹²³ Ibid, 1962, p. 163.

¹²⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora. 2010, p. 214.

captação de prosélitos, objetivando a conversão por induzir seus alvos ao abandono de velhos hábitos e opiniões, substituindo-os por outros. Ou, alternativamente, maltratando outras culturas com base na presumida superioridade da sua própria¹²⁵. (BAUMAN, 2010, p. 214)

É a construção do Estado que oferece uma homogeneidade de raça e de língua e não o contrário. Apenas na formação do Estado as pessoas ganham uma característica homogênea. Antes todas as pessoas convivem com a diversidade e com todas as diferenças. O Estado começa com pessoas e com grupos separados e diferentes que se encontram obrigados ou que escolhem conviver.

Friedrich Nietzsche, ao criticar o Iluminismo oitocentista, pessoas que viveram as ideias do século XIX e seus sucessores, afirmou que “a ‘humanidade’ não avança, ela nem sequer existe”¹²⁶. O filósofo fez essa declaração em um período em que a Europa, especialmente a França, acreditava experimentar um aperfeiçoamento da humanidade, pela razão e pela superação das superstições anteriores.

A humanidade não existe, pois nada se opõe ou confronta. Entretanto, os Estados, que exerce a soberania sobre o território, e até as nações, uma união de um mesmo grupo, são federações, entidades e pessoas que interagem em situações de conflitos, de guerras, mas também em pactos e em alianças.

No Estado, as pessoas se contrapõem, enfrentam-se não só em tempos de discórdia ou até de guerra, mas como também em tempos de aliança e de paz. O Estado, assim como as relações pessoais, pode acontecer de forma dominante com competições, com guerras e por causa de desacordos. Porém, também existe Estado e relações pessoais, a partir de alianças, de cooperações e de colaborações. Todas estas surgem no período de disputa e de combate. Como disse Miguel de Unamuno “a solidariedade se faz na luta”¹²⁷.

¹²⁵ Ibid, 2010, p. 214.

¹²⁶ NIETZSCHE, Friedrich. **Nachgelassene Fragmente 1887-1889**. Kritische Studienausgabe, Band 13, Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Munique: dtv/de Gruyter, 1988, p. 408.

¹²⁷ UNAMUNO, Miguel de. **A agonia do cristianismo**, 1-a ed., 1930. São Paulo: Edições Cultura, 1941, p. 43.

Dessa forma, o que importa para a existência de um Estado é o corpo político e o que o determina é a existência de sujeitos políticos, as relações pessoais, dispostos a construir e a aderir a uma única empresa comum, a um único empreendimento comum.

Não é a comunidade anterior, passada, tradicional e imemorial - em suma, fatal e irreformável - a que proporciona título para a convivência política, mas a comunidade futura, no fazer efetivo. Não é o que fomos ontem, mas o que vamos fazer amanhã, juntos, nos reúne em estado¹²⁸. (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 163 e 164)

O Estado é um convite para todos e todas que se apresentam como sujeitos políticos e com o desejo de planejar e construir os próximos passos. O Estado não deve ser construído por saudosistas de tempos anteriores e com supostas purezas sociais. Os nacionalismos, para Ortega y Gasset, não são nacionalizadores, como deveriam ser, porque são exclusivistas. Esse modelo separa as pessoas por suas diferenças e não as inclui.

No século XX, não foram raros os episódios de nacionalismo com princípio nacionalizador a partir de alianças entre nacionalismo e socialismo ou entre nacionalismo e liberalismo. O nazismo alemão tinha como tônica o nacionalismo, mas também havia importantes elementos trabalhistas ou socialistas. Na antiga União Soviética, a partir de Marx, que era a grande referência intelectual, econômica e política, o nacionalismo teve papel importante. Josef Stalin, embora não fosse russo por ter nascido em Gori, na Geórgia, foi um revolucionário comunista, político soviético e tornou-se um grande nacionalista russo, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial. E sem a mobilização do sentimento nacional, sua vitória contra Adolf Hitler não teria sido possível.

Na América Latina, principalmente pela influência irrefutável dos Estados Unidos, existiram fortes alianças e tratados entre nacionalistas e socialistas. Depois de 1945, os marxistas e os comunistas latino-americanos estavam prontos a unir suas forças nacionalistas.

Portanto, na Europa o nacionalismo era de direita, enquanto na América Latina era de esquerda. Essa divisão se deu pelo sistema econômico de cada mencionada re-

¹²⁸ ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1962, p. 163 e 164

gião. O que para Paulo Nogueira Batista Jr. (2007) mostra que “a coloração direita/ esquerda é acidental, não essencial ao nacionalismo”¹²⁹.

o nacionalismo é um fenômeno histórico, não um valor universal e atemporal. Não faz sentido inventar uma axiologia em que a Nação, com *n* maiúsculo, seja considerada o valor supremo. Exageros desse tipo podem ser o primeiro passo para a perversão do nacionalismo e sua transformação em xenofobia e motivo para agressões e guerras externas¹³⁰.

Muitas vezes o nacionalismo sofre fortes influências internacionais, o que impossibilita qualquer tentativa de um projeto comum, com pessoas diferentes, que aceitam conviver e superar as diferenças. Essas fortes influências normalmente acontecem a partir dos meninos mimados, dos especialistas e da elite nacional, que possuem motivações, obviamente, econômicas.

As influências internacionais auxiliam e se aproximam daqueles e daquelas que se dispõem a cooperar com seus projetos de poder, nos planos econômicos, militares, políticos, ideológicos, culturais, entre outros.

É um poder que usa o treinamento - ou se preferir o adestramento e ainda a lavagem cerebral - para tentar aculturar as pessoas. Não existe relação, mas tão somente transmissão de valores e de padrões de conhecimento. O que repete a tradição dos romanos que transplantavam os filhos dos líderes das tribos germânicas para Roma, onde eram devidamente aculturados e retornavam à terra natal na condição de integrantes leais e assimilados do Império Romano.

Essa prática, ou dominação, é menos transparente e visível, mas muito mais eficaz que os métodos tradicionais. Porém, para Ortega y Gasset todos os nacionalismos são “becos sem saída”¹³¹.

¹²⁹ BATISTA JR, Paulo Nogueira. **Nacionalismo e Desenvolvimento**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a02n77.pdf>. Acesso em: 08/06/2020

¹³⁰ BATISTA JR, Paulo Nogueira. **Nacionalismo e Desenvolvimento**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a02n77.pdf>. Acesso em: 09/06/2020

¹³¹ ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1962, p. 173

... todos os nacionalismos são becos sem saída. Tente-se projetá-los no amanhã e sentir-se-á o tope. Por aí não se vai a nenhum sítio. O nacionalismo é sempre um impulso de direção oposta ao princípio nacionalizador. É exclusivista, ao passo que este é inclusivista [...] o nacionalismo não é mais do que uma mania, o pretexto que se apresenta para esquivar o dever de invenção e de grandes empreendimentos¹³².

Jorge Mario Bergoglio, Papa Francisco, diz "nunca nos esqueçamos de que o todo é superior à parte, e também é mais do que a mera soma delas"¹³³. Além disso, o próprio Papa Francisco também afirmou que o nacionalismo e o soberanismo são atitudes de isolamento.

Estou preocupado, porque se ouvem discursos que se assemelham aos de Hitler em 1934. "Primeiro nós. Nós... nós...": são pensamentos que dão medo. O soberanismo é fechamento¹³⁴.

Nacionalismo e soberanismo são exclusivistas. Homem-massa e sociedade de massas são egoístas e individualistas.

¹³² Ibid, 1962, p. 173

¹³³ Disponível em: https://www.snpcultura.org/economia_de_francisco_preciso_criar_nova_cultura_onde_se_decidem_relatos_e_paradigmas.html. Acesso em: 03/11/2020.

¹³⁴ Disponível em: <https://leonardoboff.org/2019/08/12/papa-francisco-um-desvio-e-uma-devastacao-da-natureza-poderao-levar-a-morte-da-humanidade/>. Acesso em: 03/11/2020.

CONCLUSÃO

Esta dissertação procurou mostrar a aproximação entre o pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset e o nosso tempo. A obra de José Ortega y Gasset é uma crítica à sociedade de massas e suas relações humanas. As ditas sociedades de massas apresentam inúmeras semelhanças com a sociedade na qual nos encontramos. Os textos do filósofo espanhol também são críticas ao individualismo, às relações humanas e que podem ser encontradas, percebidas e reconhecidas em nossas atuais relações.

A crítica de Ortega y Gasset se dirige à sociedade de massas e tudo o que vem junto: o homem-massa, os meninos mimados, os especialistas, o nacionalismo e muito mais. Mas esse ponto de vista também procura mostrar a necessidade de perceber que as crises nas relações não estão relacionadas com a situação histórica da Espanha ou do período de Ortega y Gasset.

No prólogo do livro *A Rebelião das Massas*, Ortega y Gasset menciona o “individualismo” para contrapor ao que ele apresenta como a crescente tendência das pessoas e da sociedade sobre o indivíduo. A visão de Ortega y Gasset sobre o individualismo se encontra relacionada com a homogeneidade da sociedade de massas que o filósofo encontrou no final do século XIX e início do século XX.

Ortega y Gasset apresenta a ameaça de uma sociedade onde os homens perderam a capacidade de contar com os outros, de conviver uns com os outros, de desenvolver relações uns com os outros.

O filósofo encontra como fato fundamental a existência conjunta de um eu e seu mundo. Assim sendo, a questão primária não é a própria existência, não é ‘eu existo’, mas ‘minha’ coexistência com o mundo, porque não há um sem o outro. A vida se apresenta integrada por duas dimensões inseparáveis.

O pensamento de Ortega y Gasset apresenta o homem e a mulher na vida, não à parte do mundo, mas interagindo com tudo e com todos. A afirmação “eu sou eu e minhas circunstâncias¹³⁵”, apresentada em toda a sua obra, mas que aparece pela pri-

¹³⁵ ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote**. Tradução de Gilberto de Mello Kujawski. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967, p.757.

meira vez em *Meditações do Quixote*, abre uma proposta em que não existe a primazia de uma realidade humana pessoal e interna, em detrimento de uma realidade do mundo ou da circunstância e externa. E, sendo o homem somente nas suas circunstâncias e havendo uma interdependência entre os dois “ser” não pode mais significar algo independente do homem, que se realiza por si.

No livro *O que é a Filosofia*, Ortega y Gasset afirma que ser significa viver e depender do outro. Ele acredita que ser não é independente, mas é precisar e depender do outro, pois “‘minha vida’ não sou eu sozinho, eu sujeito, senão que viver é também mundo”¹³⁶. Ou seja, ser é interdependência, é coexistência e ao contrário do que pensou a ontologia tradicional ser não é independência, “ser é necessitar um do outro”.¹³⁷

Dessa forma, a vida do homem e da mulher é a coexistência do eu com o mundo. Portanto, não é possível separar, pois “a verdade é que existo eu com meu mundo e em meu mundo - e eu consisto em ocupar-me com esse meu mundo”¹³⁸. Ocupar-se com o mundo significa pensar, imaginar, refletir, transformar, afetar e ser afetado, amar, odiar e relacionar-se.

Esse “ocupar-se com o mundo” também quer dizer encontrar o outro que existe e que estabelece relação com o homem e com a mulher. O caminho da ocupação é um caminho de encontro e de relações que oferece um mundo para todos.

No entanto, no capítulo VI do livro *A Rebelião das Massas*, Ortega y Gasset analisa o homem-massa ou a sociedade de massas, em que apresenta características não de algumas pessoas categorizadas em classes ou até em um tempo. O filósofo afirma que o homem-massa é “idêntico de um extremo ao outro da Europa”¹³⁹ e podemos afirmar que também é idêntico de um extremo do tempo ao outro. A sociedade de massas não se encontra na Espanha, em um tempo específico e nem em algum grupo es-

¹³⁶ ORTEGA Y GASSET, José. **O que é Filosofia**. Rio de Janeiro: Livro Ibero Americano, 1971. p. 223.

¹³⁷ Ibid, 1971, p. 223.

¹³⁸ Ibid, 1971, p. 212.

¹³⁹ ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: Livro Ibero Americano, 1962, p. 21.

pecífico. O homem-massa está em todos os lugares, em todos os grupos, em todos os tempos.

Nesse sentido, foi possível aproximar-se de Ortega y Gasset, um filósofo tão objetivo e claro para alguns, mas que, para muitos outros, foi se tornando tão confuso e contraditório. A crítica complexa, levantada na segunda parte do trabalho, o pensamento orteguiano com o nosso tempo, está longe de originar um consenso entre os estudiosos.

Entretanto, no pensamento orteguiano, a sociedade de massas pensa apenas e unicamente nas suas próprias necessidades e desejos. O homem-massa não consegue pensar no coletivo e no comunitário. Por isso, o diagrama psicológico da massa é composto pela livre expansão de seus desejos vitais e uma radical ingratidão. São pessoas que vivem sem avaliar o que e quem o cerca e não se sente grato por nada e em nenhum momento, como se tudo fosse natural e automático. Uma sociedade que está longe de ser resolver.

A sociedade contemporânea, com as novas tecnologias, novas possibilidades e novos mercados, oferece ao homem-massa atual uma vasta gama de possibilidades de satisfação de seus desejos, de forma intensa e imediata. Diante dessa realidade, homem e mulher se encontram imersos em uma circunstância que parece ter tudo a sua disposição e ao seu alcance e com acesso a praticamente tudo que desejar.

Esse cenário abre caminho para um novo homem-massa com características muito similares, especialmente o individualismo e com suas crises nas relações. E a crítica de Ortega y Gasset, suas exortações agudas e as discussões ajudaram e continuam a ajudar no reconhecimento das crises e no processo de resgate às relações, tendo em vista que esse homem-massa continua sendo um menino mimado e especialista, revivendo os históricos fenômenos do Fascismo e do Nazismo, em uma perseguição e uma eliminação dos seus opositores. Esse homem continua ocupando o mundo, mas não para encontrar o outro e nem para desenvolver relações fraternas e amorosas, mas cada vez mais para impor seus próprios desejos vitais.

Percebe-se que o homem-massa é um jeito de ser e que continua existindo entre nós e em nós. Um ser humano com livre expansão dos desejos pessoais e próprios e

em uma sociedade contemporânea, como a nossa, a sociedade de massas ganha ainda mais força e progresso.

Porém, podemos notar um elemento constante nos cinco capítulos e em toda a obra de Ortega y Gasset. Trata-se do outro, o próximo, percebido como uma resposta e uma responsabilidade na vida.

Ortega y Gasset escreve a sua obra lembrando ao homem e à mulher da responsabilidade com o outro que sempre esteve, está e estará em nosso meio. Isso, porque “quando nos surpreendemos pela primeira vez vivendo, já estamos, não só com os outros e no meio deles, mas também acostumados a eles”¹⁴⁰. O pensamento de Ortega y Gasset busca resgatar o homem no caminho da vida. Inclui, assim, o outro com todos os direitos em que já está.

Assim, a vida passa a acontecer por meio das relações que também apresentam lutas cotidianas, mas que o homem aprende a lidar com os outros, descobrindo os limites que, naturalmente, se constroem. Ortega y Gasset afirma que a “luta” diária faz com que homens e mulheres sejam unidos por laços, sejam de parentescos, amizades ou outros, que possam conviver em harmonia, que possam viver em relações.

Tais relações são os caminhos que o homem orteguiano aprende para lidar com a sua própria solidão ontológica constitutiva. Ortega y Gasset apresenta o caminho de aproximação que nos tira da solidão, ao afirmar que

do fundo da solidão radical que é a nossa vida, praticamos, continuamente, uma tentativa de nos interpenetrar, de ficar desolados ao olhar para outro ser humano, querendo dar-lhe a nossa vida e receber a sua vida¹⁴¹. (ORTEGA Y GASSET, 1973, p.195)

Ortega y Gasset apresenta o sentimento de amor, que permeia todas as relações, dentro da realidade radical, que é a vida real, a vida vivida. No caminho da vida o amor une, resgata e, se necessário, reconstrói todas as coisas, inclusive as relações. Segundo o filósofo espanhol, “a filosofia do amor é buscar conexões e, assim, manter o

¹⁴⁰ ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano, 1973, p. 207.

¹⁴¹ Ibid, 1973, p. 195.

mundo e as coisas em sua conexão”¹⁴². Para Ortega y Gasset, “o amor é um divino arquiteto que baixou ao mundo, a fim de que tudo no universo viva em conexão”.¹⁴³

Nas relações o amor conecta e, se necessário, reconecta. As crises nas relações sempre existiram e sempre existirão, mas sempre se deve lutar para resgatar o outro e o próprio ser homem. A filosofia pode e deve ensinar, além de boas perguntas, a reconstruir as relações. Não é necessário oferecer uma resposta para a verdadeira qualidade das relações humanas, antes é preciso saber reconhecer que, na sua prática, todo homem deve se encontrar, sendo homem, para reconhecer o outro no amor.

¹⁴² SAN MARTIN, J. **La fenomenología de Ortega y Gasset**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2012. p. 90.

¹⁴³ ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote**. Tradução de Gilberto de Mello Kujawski. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967, p. MQ. 749.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Eloisa Nogueira. **Psicoterapia e liberdade humana: uma discussão a partir de Ortega y Gasset**. Resende, RJ, Brasil. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000200002. Acesso em: 07/10/2020.
- AMOEDO, Margarida I. Almeida. **Ortega y Gasset em Lisboa: tradução e enquadramento de la razón histórica [curso de 1944]**. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora. 2010.
- BARTZ, Frederico Duarte. **O maximalismo como problema: circulação e apropriação da ideia de bolchevismo no movimento operário brasileiro durante os primeiros anos da Revolução Russa**. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-50492016000600235. Acesso em: 10/10/2020.
- Bíblia Sagrada**, Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- CACHO VIU, V. **Repensar el noventa y ocho**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1997.
- CARDOSO, Sarah; Zago, Camila; Silva, Bianca V. **Discurso de ódio nas redes sociais**. Dignidade da pessoa humana face o abuso da liberdade de expressão e suas limitações. Em: Jus. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/71639/discurso-de-odio-nas-redes-sociais>. Acesso em: 11/10/2020.
- DANTAS, Maria Luiza. **Concepção de vida como realidade radical – Ortega y Gasset**. 2017. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/Angulo/article/view/740/713>. Acesso em: 22/06/2020.
- ESCÁMEZ SÁNCHEZ, Juan. **Ortega y Gasset**. Recife: Editora Massangana. 2010.
- FARIA, Maurício Uzêda de. **O individualismo em Ortega y Gasset**. Mestrado Programa de Pós- graduação em Filosofia, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia. 2014.
- GOUVEIA, Regina Cristina. **A “Geração de 1898”, o “Desastre” e a retomada das relações entre a Espanha e as repúblicas hispano-americanas**. São Paulo, julho 2011.
- GRACIAS, J. **José Ortega y Gasset**. Madrid: Taurus, 2014.

HELENO, Gilberto. **O homem e o seu entorno**: metafísica e antropologia, em José Ortega y Gasset. São Paulo, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Todos nós... ninguém**. São Paulo. Editora Cortez, 1981.

MACHADO, Antonio. **Cantares**. In: Escritas.org. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/10543/cantares>. Acesso em: 28/11/2020.

MARÍAS, Julián. **Acerca de Ortega**. Madrid: Espasa Calpe, 1991.

MIRANDA, Gustavo Martins do Carmo. **O nascimento da sociologia espanhola e a juventude intelectual de Ortega y Gasset: uma dupla influência alemã**. Revista cadernos de Ciências Sociais da UFRPE. 2013. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/352/286>. Acesso em: 12/12/2020.

MENDES, Vinicius. **Três argumentos de José Ortega y Gasset contra a direita brasileira – que o cultua**. Em: Colunas Tortas. 2019. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/jose-ortega-y-gasset/>. Acesso em: 26/09/2020.

MOLINUEVO, J. L. **Para leer a Ortega**. Madrid: Alianza editorial, 2002.

MONTERO, R. Náufrago hasta el fin. Revista Archipiélago. Cuadernos de crítica de la cultura. No 58, noviembre, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Nachgelassene Fragmente 1887-1889**. Kritische Studienausgabe, Band 13, Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Munique: dtv/ de Gruyter, 1988.

OLIVEIRA, Damião Costa de - **O poder do mito na construção do caos**: mitos, símbolos, ritos e as forças ocultas no nazismo. Mestrado em Ciências Sociais. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP, São Paulo, 2017.

ORTEGA, Soledad. **José Ortega y Gasset: imágenes de una vita (1883-1955)**. Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia / Fundación José Ortega y Gasset, 1983.

ORTEGA, Soledad. **J. Ortega y Gasset: Cartas de un joven español**. Madrid: El Arquero. 1991.

ORTEGA Y GASSET, J. **Adan en el paraíso**. Adan en el paraíso. O.C., II. Madrid, Alianza-Revista de Occidente, 1983.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano. 1962.

ORTEGA Y GASSET, J. **Discurso en el Parlamento Chileno**. O.C., IV, Madrid, Taurus/ Fundación José Ortega y Gasset, 2005.

ORTEGA Y GASSET, J. **España Invertebrada**. O.C., III, Madrid, Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, 2005.

ORTEGA Y GASSET, José. **Historia como sistema**. O.C., VI, Madrid: Taurus/Fundación José Ortega y Gasset, 2006.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones del Quijote**. Tradução de Gilberto de Mello Kujawski. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.

ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e a gente**. Rio de Janeiro. Livro Ibero Americano. 1973.

ORTEGA Y GASSET, José. **O que é Filosofia**. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1971.

ORTEGA Y GASSET, José. **Prólogo para Alemanes**. O.C., IX; Ed. Revista de Occidente, Madrid, 1983.

ORTEGA Y GASSET, José. **Vieja y nueva política**. O.C., I, Madrid: Alianza Editorial, 1993.

OZ, Amós. **Contra o fanatismo**. Rio de Janeiro. Ediouro. 2004.

PARENTE, L. **Panorama de la filosofía española del Novicientos**. Revista de Estudios Orteguianos. Nº 18, 2009.

PORTO, C.M. **O atomismo grego e a formação do pensamento físico moderno**. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172013000400016. Acesso em: 09/10/2020.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo. Livraria Martins Fontes, 2009.

SÁ, Pedro de Moura e. – **Vida e Literatura**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1960.

SAN MARTIN, J. **La fenomenología de Ortega y Gasset**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2012.

SOUSA, Márcio Morais de. **As Tensões entre o Homem-Massa e a Democracia em José Ortega y Gasset**. Mestrado Acadêmico da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. Brasília, DF. 2018.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”**. São Paulo, 2018.

TOMAZ, Mauro Sérgio de Carvalho. **Ortega y Gasset e Paulo Freire: um diálogo entre educação e política**. Mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del-Rei. São João Del-Rei, MG. 2018.

UNAMUNO, Miguel de. **A agonia do cristianismo**, 1-a ed., 1930. São Paulo: Edições Cultura, 1941.

ZAMORA BONILLA, Javier. **Ortega y Gasset**. Barcelona: Plaza & Janés, 2002.